

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
COORDENAÇÃO DE TURISMO
CURSO DE TURISMO**

ALVINA CIPRIANO TEIXEIRA SOARES

**INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
DO SÍTIO DO FÍSICO: SUBSÍDIO PARA A
COMPREENSÃO, DESENVOLVIMENTO E
PROTEÇÃO DE UMA LOCALIDADE.**

**SÃO LUÍS
2007**

ALVINA CIPRIANO TEIXEIRA SOARES

INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO SÍTIO DO FÍSICO: subsídio para a compreensão, desenvolvimento e proteção de uma localidade.

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do Grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora Prof. Msc. Linda Maria Rodrigues

São Luís
2007

ALVINA CIPRIANO TEIXEIRA SOARES

INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO SÍTIO DO FÍSICO: subsídio para a compreensão, desenvolvimento e proteção de uma localidade.

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em turismo.

Orientadora Prof. Msc. Linda Maria Rodrigues

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. LINDA MARIA RODRIGUES
Orientadora

Prof. Msc. MARIA DO SOCORRO ARAÚJO
1º Examinador

Prof. Msc. SAULO RIBEIRO DOS SANTOS
2º Examinador

Do mesmo modo que temos a habilidade de criar em nossa casa uma certa atmosfera, usando luz, cor e forma, várias técnicas também estão disponíveis ao interpretar, mesmo que haja certas restrições em função da segurança individual do visitante, da segurança do sítio e de seus bens culturais.

Stela Maris Murta

"The early Greek philosophers looked at the world about them and decided that there were four elements: fire, air, water, and earth. But as they grew a little wiser, they perceived that there must be something else. These tangible elements did not comprise a principle; they merely revealed that somewhere else, if they could not find it, there was a soul of things — a Fifth Essence, pure, eternal, and inclusive."

Freeman Tilden

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me criou, me amou de tal maneira (...), me protege e me abençoa em cada etapa de minha vida;

À minha família, pela assistência, preocupação, segurança e amor proporcionado em todos esses anos e nos que virão;

À todos meus amigos, os que nunca passaram despercebidos, aos que me alegram em suas companhias, aos que confio compartilhar meus projetos, minhas jornadas, meus segredos (...), aos que são fontes de incentivo e inspiração em especial:

À turma de Turismo 2002.1, principalmente aos parceiros Daniel, Kleyson, Crhis, Andrelle e Fabiana Corrêa;

Aos meus veteranos amigos do curso de Turismo, aos que tenho incontável admiração, por apontarem sempre o caminho certo, que não só ficaram na torcida, mas compartilharam a receita do sucesso: Daniele Cunha, Vânia Giselle, Dárrya Ckessya em especial a Wilmara Figueiredo que sempre se dispôs a nos ajudar e somar com sua importante amizade;

Ao meu companheiro e amigo dessa jornada acadêmica: José Maria dos Reis Maia Filho;

À todos os meus professores do Curso de Turismo, que sempre acreditaram na minha capacidade, sempre orientando, se dedicando em formar profissionais diferenciais;

Ao meu espelho, Prof. Msc. Socorro Araújo;

À minha orientadora Prof. Msc. Linda Maria Rodrigues, perfeccionista, exigente, sempre me incentivando a ir mais além, em cada momento parceira e muito compreensiva;

Ao meu amado esposo, Antonio Evalto Soares Silva, que sempre acreditou, admirou, incentivou, que desperta em mim dia após dia força e coragem para uma forte mulher crescer cada vez mais.

RESUMO

Abordagem sobre a importância do uso da metodologia da interpretação do patrimônio histórico-cultural do Sítio do Físico como subsídio para a compreensão e desenvolvimento e proteção de uma localidade. Descreve-se a contextualização histórica do turismo, bem como sua trajetória. Realça-se com expressiva relevância o Sítio do Físico num recorde descritivo e historiográfico do mesmo, e suas atribuições sócio-econômica, bem como no século XIX, quanto nos dias atuais, entendendo sua grande capacidade valorativa dentro do Turismo Cultural. Apontam-se, ainda os entraves e sugestões para que o objeto de estudo apareça como um roteiro interpretativo para o Turismo na cidade de São Luís.

Palavras-chave: Sítio do Físico – Interpretação – Turismo - São Luís.

RESUMÉN

Abordagen de la importância del uso de metodología y la interpretación del patrimonio histórico-cultural del Sítio del Físico como subsídio para la comprensión y desenvolvimiento y protección de una localidad. Describise la contextualización histórica del turismo, bién como sú trajetória. Realsase com expressiva relevância el Sítio del Físico em uno record descriptivo y históriográfico del mismo y sus atribuciones sócio-económicas, bién como nel siglo XIX, cuanto en los dias actuales, entendiendo sú grand capacidad valorativa dentro del turismo cultural. Apontase, todavia los entraves y sugestiones para el objeto del estúdio aparesca como uno rotero interpretativo para el turismo em la ciudad de São Luis .

Palabras-llave: Sítio del Físico – Interpretacion – Turismo - São Luís.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária da comunidade pesquisada

Gráfico 2 – Quanto ao Sexo da comunidade entrevistada

Gráfico 3 – Grau de escolaridade da comunidade entrevistada

Gráfico 4 – Renda Mensal da comunidade

Gráfico 5 – Tempo de moradia da comunidade entrevistada no entorno do Sítio

Gráfico 6 – Quanto ao grau de importância que do Sítio do Físico para o desenvolvimento sócio-econômico da comunidade

Gráfico 7 – A importância do Sítio como patrimônio para o Turismo de São Luís

Gráfico 8 – Quanto ao grau de conservação

Gráfico 9 – Avaliação da comunidade quanto à acessibilidade ao Sítio do Físico

Gráfico 10 – Avaliação da comunidade quanto ao marketing turístico do Sítio

Gráfico 11– Avaliação do desejo da comunidade quanto à inserção de roteiros de atividades turísticas regularmente no Sítio do Físico

Gráfico 12– De que forma seria melhor para a comunidade a inserção de roteiros de atividades turísticas regularmente no Sítio do Físico

Gráfico 13– De que forma seria ruim para a comunidade a inserção de roteiros de atividades turísticas regularmente no Sítio do Físico

Gráfico 14– Indicação das propostas interpretativas que a comunidade concorda para o aproveitamento turístico do Sítio do Físico

Gráfico 15– De que forma rentável a comunidade se vê participando das atividades do Sítio do Físico

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Uma classe de estudantes visitando o Frederick Douglass Home, parque natural em Washington-D.C.....	37
Figura 2	Algumas espécies de plantas protegidas dentro em casos que ajudam os visitantes a aprender os nomes de plantas do Blue Ridge Parkway, Virginia - Carolina do Norte.....	38
Figura 3	Um guarda florestal fala aos pequenos visitantes as regras da estrada do mar dentro da ecologia do Acadia's águas costeiras.....	38
Figura 4	Folders que complementam a sinalização de sítios históricos do Museu Aberto do descobrimento.....	39
Figura 5	Uma interpretação lateral ao caminho (placas) mostra ajudar a recriar o passado em Yorktown dentro do Colonial National Historic Park.....	40
Figura 6	Casa Histórica de Curitiba-PR, painéis que retratam o passado e a evolução histórica do centro da cidade.....	41
Figura 7	Casa Histórica de Curitiba-PR, painéis que retratam o passado e a evolução histórica do centro da cidade.....	41
Figura 8	No National Park Service Museum Laboratory, artesão e artista especializado cria dioramas que dão surpreendentes sugestões da realidade.....	42
Figura 9	Uma maquete do Fort Sumter ajuda um guarda-florestal a dar orientações históricas sobre o National Monument.....	43
Figura 10	Manequins vestidos a caráter, reconstruindo o passado da estação ferroviária do atual Museu Ferroviário de Curitiba-PR, compra de bilhetes da segunda classe.....	43
Figura 11	Através de um aparelho de áudio visitantes no Superior National Forest escutam um Franco-Canadense "voyageur" falar para eles da árdua vida dos comerciantes de pele do século passado.....	45
Figura 12	Mundo a Vapor entre as cidades de Gramado e Canela-RS.....	46
Figura 13	Pista de acesso, lateral da guarda ambiental.....	50
Figura 14	Caminho ao redor do Sítio propício á implantação de uma trilha ecológica.....	51
Figura 15	Imagem do Rio Bacanga vista do Sítio do Físico.....	54
Figura 16	Escadaria com pedra portuguesa (lateral), edificação de uma caeiras..	56
Figura 17	Visão que destaca a espessura das paredes, a altura da edificação e seu traçado.	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 APORTES TEÓRICOS SOBRE O TURISMO: Trajetória Histórica.....	15
2.1 Abordagem: Mundo.....	15
2.2 Abordagem: Brasil.....	20
3 TURISMO: PRESERVANDO O ESPAÇO TURÍSTICO.....	22
4 INTREPRETAÇÃO: CONCEITOS, OBJETIVOS E PRINCÍPIOS.....	27
4.1 Conceito.....	27
4.2 Objetivos.....	28
4.3 Princípios.....	29
5 PLANEJAMENTO: Breves conceitos e as estratégias interpretativas.....	33
5.1 Conceito de planejamento.....	33
5.2 Fases e definições do planejamento turístico.....	33
5.3 Principais qualidades interpretativas.....	35
5.4 Meios e técnicas interpretativas.....	37
5.4.1 Interpretação ao vivo.....	37
6. RECONSTRUÇÃO DO PASSADO PARA APRECIÇÃO PASSIVA.....	44
6.1 Meios animados de exibição	44
6.1.1 Som.....	44
6.1.2 Luz e imagem.....	45
6.1.3 Movimento.....	45
6.1.4 Plano interpretativo.....	46
6.2 Etapas da Interpretação.....	47
6.2.1 Recursos.....	47
6.2.2 Temas.....	47
6.2.3 Mercado.....	48
6.3 Desenho e montagem.....	48
6.4 Gestão e promoção.....	49
7 POTENCIALIDADES INTERPRETATIVAS MARANHENSES: O Sítio do Físico	50
7.1 Contexto geográfico e social do Sítio do Físico.....	50
7.2 Contexto histórico do Sítio do Físico.....	52
7.3 Potencialidades e entraves para o Sítio do Físico.....	53
7.4 A importância do Sítio do Físico para o desenvolvimento da comunidade: análise dos dados da pesquisa.....	57
7.5. Aproveitamento das potencialidades do Sítio do Físico.....	68
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES.....	75
ANEXOS.....	80

1 INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural para um povo é significativo nos aspectos de identidade e orientação, desta feita passa a ter pressuposto básico para que se possa reconhecer com uma nação de valores inestimáveis e, sobretudo entrelaçados, à ética e à solidariedade, o qual estimula o exercício da cidadania, através de um profundo senso de lugar e de continuidade histórica. Os sentimentos que o patrimônio evoca são transcendentais, ao mesmo tempo em que sua materialidade povoa o cotidiano.

A Interpretação do Patrimônio natural e cultural vem marcar os valores particulares, únicos do ambiente, pretendendo estabelecer uma comunicação com o visitante, estimulando, provocando, proporcionando a compreensão do lugar.

Murta e Goodey (1995) definiram a Interpretação do Patrimônio como “o processo de agregar valor à experiência do visitante, fornecendo informações e representações que destaquem a história, as características culturais e ambientais de um lugar”. Sem essa agregação de valor e sem fornecer informações aos visitantes, estes dificilmente vivenciarão uma experiência concreta, sendo de tal forma superficial e sem um contato mais positivo e próximo com a comunidade e o ambiente, tendenciando a um consumismo rápido do local sem de maneira completa vivenciá-lo, compreendê-lo, valorizá-lo, não despertando no visitante um apego ao lugar a ponto de preservá-lo, mas tornando a comunidade alienada ao processo, acarretando em trajetórias marcadas por danos físicos, ambientais, culturais, sociais e econômicos.

Um olhar atencioso deve ser dado à preservação e restauração dos monumentos, bem como de locais históricos, naturais e arqueológicos, que deve estar disponível ao acesso da população. Deve-se possibilitar também a visitação pública aos bens e monumentos culturais de propriedade privada, enfatizando o respeito aos direitos dos seus proprietários, que de certa forma, quando conscientizados, preservam e valorizam tais bens para a posteridade.

Daí, dizer que é inquestionável o valor simbólico do patrimônio cultural e, em específico o objeto deste estudo, o Sítio do físico, que pode ser considerado um espaço memorável. Assim o seu valor histórico nos fez rememorar toda a importância que o mesmo tem para a população maranhense. Verifica-se, que muito

embora nos dias atuais, esteja em situação omissa, mesmo assim, todo o seu caráter cognitivo de mistério faz com que este faça parte da nossa história.

Esta pesquisa partiu da motivação da disciplina acadêmica Estudos Históricos e Turísticos, a qual estudou Stela Maris Murta e Brian Goodey no artigo “Interpretação do Patrimônio para visitantes: um quadro conceitual”, o segundo contato com a temática ocorreu na disciplina Cultura Popular com os mesmos autores, desta vez com o livro “Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado - um guia”.

A partir de então o interesse e a busca por maiores fundamentações a cerca da temática não cessaram e o fato de já ter sido assimilado um pouco de conhecimento sobre o assunto e compreender que tal prática interpretativa pode ser responsável por um reavivamento de uma localidade abordando aspectos que ficaram despercebidos ou aparentemente insignificantes, e agora produz um efeito positivo e agrega um valor adicional ligada ao desenvolvimento do Turismo Sustentável, tornou-se uma questão desafiadora tentar implementar esforços e estruturas reais a partir de seu estudo.

O objetivo geral desta pesquisa é Estudar a Interpretação do Patrimônio Histórico do Sítio do Físico como subsídio para a compreensão, desenvolvimento, e proteção de uma localidade.

Os objetivos específicos visam descrever o significado da Interpretação do Patrimônio, o planejamento e suas estratégias; apontar a importância da prática interpretativa como aliada a sustentabilidade; descrever o contexto do Sítio do Físico como potencialidade interpretativa, e sua importância para o desenvolvimento da comunidade de entorno.

Esta é uma pesquisa monográfica de acordo com a extensão do campo de estudo. No que tange aos setores do conhecimento ela é multidisciplinar e interdisciplinar, sendo que a própria atividade interpretativa se utiliza várias disciplinas para a construção do planejamento e para a montagem do plano.

Segundo a procedência dos dados podemos classificar esta pesquisa de referencial bibliográfico (ou de observação indireta – dados secundários) relativa à temática pertinente a sua compreensão, utilizando-se exemplos, situações, premissas e visões estudadas anteriormente por outros pesquisadores.

Conforme as técnicas e os instrumentos de observação essa é uma pesquisa também de fontes de dados primários referente à observação direta *in situ*,

para anotar, fotografar, entrevistar a comunidade de entorno quanto ao grau de importância do patrimônio para o desenvolvimento local, o que deixa a desejar com a ausência do Plano Interpretativo, e sobre as estratégias possíveis que deveriam ser utilizadas para facilitar a comunicação entre visitante X visitado. Além de investigar na comunidade se o processo de desenvolvimento turístico é compartilhado ou não, e como ela está inserida neste processo (Estudo de Caso – Sítio do Físico).

Relacionada ao nível de interpretação esse estudo possui um caráter identificativo já que propõe explorar o estudo interpretativo pouco discutido em nosso contexto, detém ainda um caráter descritivo visando desenvolver uma análise da temática, com seus aspectos e efeitos.

A temática será abordada a partir de referências teóricas, e que consistirá em cinco capítulos, nos quais foram abordado, primeiramente o aporte teórico sobre o turismo desde o ponto de vista de sua trajetória histórica. No capítulo seguinte, será trabalhado o turismo como preservação do espaço turístico. No terceiro, a interpretação, com conceitos, objetivos e princípios. No quarto, o planejamento e as estratégias interpretativas. No quinto ponto central deste trabalho serão trabalhadas as potencialidades interpretativas maranhense, tendo como centro o Sítio do Físico, destacando-se as sugestões observadas durante a fase de pesquisa.

Vale ressaltar que este trabalho de cunho historicizante instiga, na medida em que tenta lidar com perspectivas interpretativas, inseridas no contexto, de temas e problemas solucionáveis para o turismo cultural no Sítio do Físico, haja vista que esse local serviu em diferentes épocas como marco referencial para a sociedade pungente, num contexto econômico, social e político.

2 APORTES TEÓRICOS SOBRE O TURISMO: Trajetória Histórica.

2.1 Abordagem: Mundo

Embora o turismo organizado surgisse nos meados do século XIX, decorrente do desenvolvimento tecnológico com os efeitos da Revolução Industrial, os seus vestígios acompanham a humanidade, aliada aos seus anseios por viagens em busca de conhecimento, descanso, desbravamento, e ainda ligados a outras diversas razões econômicas, políticas e sociais.

As viagens sempre existiram sendo até extremamente difícil pontuar o seu início porque o ser humano sempre esteve se deslocando, ora retornando ora não. Porém inúmeros autores e pesquisadores demarcaram o seu marco no século VIII a.C., na Grécia, onde as pessoas viajavam para ver os jogos olímpicos (DE LA TORRE *apud* BARRETO, 1995, p.44), e outros acreditavam que foram com os fenícios por terem sido os inventores da moeda e do comércio (MCINTOSH *apud* BARRETO, 1995, p. 44).

As primeiras condições para o desenvolvimento das viagens foram às invenções da escrita e da roda, com esta permitiu o desenvolvimento das carruagens que conseqüentemente exigia a construção de estradas para seu melhor deslocamento.

[...] foram os romanos que, cerca de 150 anos a.C. criaram a maior rede de estradas até então construídas, [...], ao tempo de Trajano, essa rede estendia-se por mais de 100.000 km ligando a Escócia, desde o muro de Adriano, e a Alemanha com Roma, estendendo-se, depois para o Oriente até à Pérsia e para o Ocidente até Portugal.

(CUNHA, 1997, p.62).

Na antiguidade clássica as pessoas viajavam para visitar os templos, monumentos, oráculos, motivados também pelos Jogos Olímpicos e festivais, além do cuidado com a saúde nas termas.

Os romanos foram considerados os pioneiros a viajarem por prazer, o forte eram as praias (para divertimento) e os spas (para a cura), porém com a queda do Império Romano as estradas se tornaram mais íngremes e perigosas sendo logo desassociadas do lazer para serem caracterizadas como obrigação, passando a

viajarem somente se imprescindíveis, sendo as principais razões as peregrinações, as questões administrativas, oficiais, e de conhecimento.

O espírito de hospitalidade era uma questão de honra e obrigação na antiguidade clássica, era imposto que os estrangeiros fossem recebidos e protegidos pelos cidadãos. No período das cruzadas, com o aumento de viajantes peregrinos, dos soldados e mercadores, as pousadas antes de caráter hospitaleiro e gratuito, tornaram-se atividades lucrativas com a criação em Florença (1828) do primeiro grêmio de proprietários de pousadas.

“No século XV, através das grandes navegações portuguesas e espanholas surgiram às viagens transoceânicas de descoberta de um novo mundo, influenciando muitos abnegados desbravadores”. (BELTRÃO, 1999, p.17).

Nesse momento ocorreu a universalização das viagens, em busca do desconhecido, da expansão territorial, comercial, dos benefícios das terras conquistadas, e das aventuras, os portugueses pela costa da África, Índia, Ásia e Brasil, os espanhóis pela América Central e do Sul, e os ingleses descobrindo a América do Norte.

Antecedendo a Idade Moderna do Turismo nos meados do Século XVIII juntamente com as transformações da época, as viagens são resignificadas, o turismo engloba um caráter educativo ligado ao interesse cultural, esse período é conhecido como o “turismo neoclássico” onde viajar era sinônimo de aprendizado, complemento à educação.

O *Grand Tur* nasce na segunda metade do Século XVIII, era um tipo de viagem de longa duração (normalmente três anos) entre diplomatas, estudantes e membros das famílias nobres inglesas, pela Europa, nas principais cidades da França e na Itália. “A idéia era que os jovens – que depois iriam exercer cargos na classe dirigente, civil ou militar – adquirissem experiência de vida, firmeza de caráter e preparação para a guerra” (BARRETO 1995 p. 48).

No final do século XVIII e durante o XIX a grande motivação é a busca pela natureza em decorrência da necessidade de descanso causada pela falta de qualidade de vida nos centros urbano-industriais, essa é a fase do chamado “turismo romântico”.

Com o progresso da ciência, a Revolução Industrial, a multiplicação das trocas, o desenvolvimento dos transportes, hotelaria e restauração, publicação dos

primeiros guias turísticos (literatura de viagens) e outros fatores deram novos impulsos às viagens.

Robert Smart, em 1822, foi considerado o primeiro agente de viagens, ele era responsável pelas reservas nas viagens de barco entre Inglaterra e Irlanda.

Conquistando espaço dos albergues e hospedarias surgem em 1830 na Suíça, os primeiros hotéis que gradativamente começam a sediar diversos encontros internacionais. No ano de 1883, também na Suíça, é publicado o primeiro documento oficial sobre o turismo.

Em 1886, nasce o Turismo de Inverno, com a iniciativa de Badrutt, em St. Moritz, que planejou um pacote promocional de incentivo à ocupação em seu hotel no período de baixa estação do inverno desse ano, e obteve sucesso com a permanência dos turistas nos dias de neve nas montanhas dos Grisons-Suíça.

O marco do turismo organizado foi em 1841 com o britânico Thomas Cook, o primeiro a reunir 570 passageiros em um comboio destinado a *Loughborough* para participarem de um congresso, na Liga contra o alcoolismo. Com essa viagem nascem as excursões organizadas e foi considerada a primeira viagem agenciada.

Posteriormente Cook organizou outras viagens coletivas: em 1846, de Londres a Glasgow (Escócia) com 800 pessoas; em 1851 ele levou de *Yorkshire* para o evento da feira industrial em Londres 165 mil excursionistas; em 1869 levou um grupo ao Egito e a Terra Santa; e em 1872 levou outro grupo para dar a volta ao mundo durante 222 dias. (BARRETO, 1995, p. 51).

Nos Estados Unidos da América, as viagens foram popularizadas após a construção das redes de estradas de ferro no país todo. Em 1850, a Wells Fargo Co. Organizou a América Express, que a princípio lançou o *traveller* cheque, logo após se tornou uma agência de viagem e posteriormente uma organização financeira voltada para viagens.

O início do Século XX e suas inovações proporcionaram uma grande transformação no estilo de vida das sociedades. Nesse período ocorreu a descoberta do telégrafo e do telefone, houve um alargamento nas redes de estrada de ferro, um estímulo à navegação e início aos cruzeiros de longas viagens, grande desenvolvimento industrial associado à racionalização do trabalho e das reivindicações sindicais, o tempo de trabalho diminuiu e a conquista do direito de descanso semanal introduziu um novo conceito de lazer.

Com o reconhecimento da importância do Turismo como atividade econômica, social e cultural, vários países da Europa foram instigados a criarem instituições governamentais com a finalidade de promover e organizar o turismo. A Áustria e depois a França criaram seus escritórios de turismo em 1910, e em 1911 é vez de Portugal criar o seu, surgem também os sindicatos de iniciativa e as primeiras grandes agências de viagens: Thomas Cook & Son e a Kuoni.

A Organização Mundial do Trabalho estabelece o princípio das férias pagas, que é reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos do Homem em 1936. Nesse contexto também ocorre o desenvolvimento dos transportes modernos, a aviação e o automóvel, assim os progressos do início do Século XX favorecem para que o Turismo entre na sua fase de expansão mundial.

Apesar do contexto mundial da Primeira Guerra, da Crise de 1929 e da Guerra Civil Espanhola o turismo alcançou dimensões relevantes até a Segunda Guerra, momento que entrou em uma fase de estagnação, tomando impulso novamente só após a segunda metade do Século XX com as rápidas mudanças nos campos científicos, técnico, econômico, social, político e cultural.

Assim relata Cunha (1997, p. 67) a transição desse período:

[...] Durante a guerra e o período de recuperação econômica que se lhe seguiu o turismo sofreu grandes dificuldades. Porém, a partir dos anos cinquenta, os países europeus conheceram a fase de maior progresso econômico e social que o mundo jamais havia conhecido o que impulsionou e consolidou o desenvolvimento do turismo.

Após 1945 um grande número de países se tornam independentes, e o contingente populacional do mundo aumenta de 2 milhões para 4 milhões. Na economia, há um aumento de 5% na produção mundial e um crescimento no rendimento por habitante. Entre 1948 e 1973 as trocas internacionais multiplicam-se seis vezes mais, ocorrendo também à expansão da divisão internacional do trabalho com a diminuição do tempo de serviço semanal e a generalização das férias pagas. As motivações relacionadas à atividade estão na necessidade de diversificação e diferenciação do produto turístico, na necessidade de compensar com evasão ao meio os estresses e os transtornos psicológicos ligado à vida profissional, e na busca por destinos com praia e sol – época dos três “S”: *sun, sea and sand*. (CUNHA, 1997, p. 68).

Beltrão (1999) destaca no período a venda do primeiro pacote aéreo em 1949 popularizando esse segmento que já nos anos 50 e 60 compreendiam 75% do mercado turístico entrando em declínio os setores de ferrovias e cruzeiros. TRIGO (1998) afirma que o turismo de massa tem seu marco inicial a partir de 1950 e a atividade é favorecida com as tecnologias desenvolvidas durante a Segunda Guerra, passando a serem utilizadas para fins pacíficos.

As operadoras turísticas começam a existir por volta de 1960 e até o final dessa década os pacotes turísticos são responsáveis pela maior parte do movimento da atividade. O ramo da hotelaria passa por profunda transformação, a antiga estrutura familiar e vertical não é mais preferência dos turistas, suje às primeiras escolas profissionais de hotelaria na Suíça dando início à era das grandes cadeias de hotéis padronizados e impessoais (BARRETO, 1995, p. 55).

O acelerado desenvolvimento da economia mundial até os anos 70 resultou em fortes disparidades entre os países industrializados e os em desenvolvimento, e outros problemas como o aumento da população mundial, a crise do petróleo e a elevação do preço da energia, as grandes tensões políticas abalam o sistema monetário internacional, e os abusos da atividade humana no meio ambiente, reduziu o ritmo do crescimento da atividade e provocou uma mudança estrutural.

Face aos problemas enfrentados nesse contexto, nasce um novo comportamento nos consumidores frente às atividades e usos desregrado do turismo com maior sensibilidade às causas do meio ambiente, ênfase na importância do turismo e seu papel social, político, ecológico, cultural e educativo e não somente o econômico, e também nos valores de identidade e valorização do homem, abrangendo o turismo ao seu atual caráter multidimensional.

Beltrão (1999) considera que entre os anos 70 e 90 foi o período em que o turismo mais cresceu e se transformou no mundo, sendo forte fonte geradora de emprego e propulsor de novos destinos de entretenimento, cultural e gastronômico.

Barreto (1995) define que desde o início da década de 80 a atividade vem entrando gradualmente na era do pós-turismo de uma sociedade indiferente, individualista, e ceticista.

2.2 Abordagem: Brasil

A partir de 1990, ocorre uma estruturação turística nos países emergentes do Terceiro Mundo, na busca pelos recintos ecológicos, florestas, praias, cidades históricas e das manifestações culturais populares. Alguns pesquisadores já se referem à atividade como a “indústria do turismo” e a consideram solução para o desemprego e instabilidade econômica.

Em meio às dificuldades nenhum setor resistiu tão bem como o turismo, os meios de transportes e comunicação estão cada vez mais próximos das necessidades humanas, e o mundo globalizado que a atividade se insere tem a árdua tarefa de reunir inovação, desempenho (produtividade) e qualidade (segurança, profissionalismo e satisfação do cliente).

Assim sendo o turismo no Brasil se caracteriza por oferecer tanto ao turista brasileiro quanto ao estrangeiro uma gama mais que variada de opções. Nos últimos anos, o governo tem feito muitos esforços em políticas para desenvolver o turismo brasileiro, com programas como o Vai Brasil¹ procurando baratear o deslocamento interno, desenvolvendo infra-estrutura turística mão de obra para o setor, além de aumentar consideravelmente a divulgação do país no exterior. São notáveis as procuras pela Amazônia na região Norte, o litoral na região Nordeste, etc.

Contudo, a imagem de que o Brasil é um país muito procurado por turistas estrangeiros, e que esta terra recebe um número enorme de visitantes oriundos de outros países é relativamente enganosa. Apesar das opções variadas e do enorme território a ser visitado, o Brasil não figura sequer entre os trinta países mais visitados do mundo. Alguns fatores como o medo da violência, da má estrutura e a falta de pessoal capacitado (como a carência de inglês no serviço público do turismo, por exemplo) podem ser motivos para explicar esta relativamente baixa procura pelo Brasil como destino.

Contudo, ao que tudo indica, a razão principal pela baixa procura por estrangeiros pelo Brasil, se deve pelo fato deste país se encontrar distante dos

¹ Maiores informações: <http://www.vaibrasil.com.br> O VAI BRASIL é um projeto criado pelo MTur – Ministério do Turismo, em parceria com a Associação Brasileira das Operadoras de Turismo - BRAZTOA e a Associação Brasileira das Agências de Viagem – ABAV com o intuito de fomentar a comercialização de pacotes turísticos em períodos de baixa ocupação nos diversos destinos do Brasil.

países grandes emissores de turistas. 85% das viagens aéreas feitas no mundo acontecem em, no máximo, duas horas de voo.

Os problemas estruturais e socioeconômicos do Brasil parecem não interferir tanto no fluxo de turistas estrangeiros, uma vez que, segundo o Plano Aquerela, conduzido pela Embratur, 92% dos estrangeiros que estiveram neste país pretendem voltar.

Mas a situação do turismo no Brasil aos poucos tem melhorado. Em 2006 o Brasil recebeu 564.467 turistas a mais que em 2005. Mas ainda assim o número de estrangeiros é muito pequeno se compararmos, por exemplo, à França, recebe 14 vezes mais visitantes estrangeiros que o Brasil.

Os países que mais enviaram estrangeiros para o Brasil em 2006, segundo a Embratur (2006) foram:

Principais Emissores de Turistas para o Brasil em 2006		
Principais países de destino	Nº de Turistas	Rankig
Argentina	921.061	1º
Estados Unidos	721.633	2º
Portugal	312.521	3º
Itália	291.898	4º
Uruguai	290.240	5º
Alemanha	277.182	6º
França	275.913	7º
Espanha	211.741	8º
Paraguai	198.958	9º
Inglaterra	169.627	10º

Fonte: DFP e EMBRATUR
Ranking dos Principais Países Emissores de Turistas para o Brasil - 2002 a 2006

Como se pode perceber através do acima exposto que a situação do país tem melhorado consideravelmente nos últimos anos, o que significa que tem havido melhoras no atendimento e implementação dos governos em relação a esse setor.

3 TURISMO: PRESERVANDO O ESPAÇO TURÍSTICO

O cuidado com o patrimônio é tarefa bastante difícil que exige a tomada de complexas decisões, envolvendo muitas operações, sob a responsabilidade de diferentes especialistas. E preservá-lo não significa, obrigatoriamente, restaurá-lo.

Diversas são as operações recomendáveis para cada tipo de sítio, conforme sua época e estado de conservação, integridade ou autenticidade. Diferentes condições que ocorram dentro de um mesmo irão exigir diferentes formas de intervenção. Muitas delas irão se conjugar entre si, impondo, a cada nova etapa de trabalho, outras e diversas operações.

Todas essas operações acham-se incluídas no termo preservações e incluem atividades de identificação, de proteção, de conservação, de restituição, de restauração, de manutenção, de planejamento, de programação do uso, sobretudo do uso público, e de administração, dentre outras.

Em sítios históricos protegidos, as operações de manutenção e conservação têm prioridade sobre as de restauração; as operações de restauração têm prioridade sobre as de inovação e desenvolvimento. As operações de inovação nunca devem expor o bem a pressões ou impactos negativos, danos, riscos ou ameaças aos valores culturais do bem.

Preservação, do latim *praeservare*, observar previamente, engloba todas as ações que visam a salvaguardar bens culturais identificados, classificados ou protegidos. Segundo a Carta de Nairobi, “preservação deve significar a identificação, proteção, conservação, restauração, renovação, manutenção e revitalização”, ou seja, todas as operações necessárias à defesa e salvaguarda de um bem².

A preservação e valorização do patrimônio cultural não podem nem deve ser reduzida a receitas. O conceito de patrimônio cultural é muito amplo e, como conseqüência, estratégias de proteção e conservação podem variar

² Explicação de Carlos Fernando de Moura Delphim, engenheiro-arquiteto pela UFMG. Contratado em 1977 para restaurar o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1985, foi pioneiro na defesa dos jardins históricos no Brasil, passando a tratá-los como bens culturais segundo as normas internacionais de preservação.

consideravelmente, de acordo com o contexto e valores associados a cada monumento ou sítio. Se bem que princípios gerais da boa prática da preservação sirvam como fundamento para identificação e proteção dos bens culturais, cada caso impõe diferentes formas de atuação.

É fundamental o estabelecimento dos valores culturais dos bens que se pretende preservar. Todas as ações de preservação, como, por exemplo, a proteção ou a restauração, deve garantir a autenticidade do sítio cultural, prolongando a duração de sua integridade e assegurando a interpretação de seus significados para a coletividade.

- **Identificação** é a ação ou conjunto de ações de reconhecimento e registro ordenado de um bem cultural ou de um conjunto de bens culturais de um determinado contexto.
- **Proteção**, em termos legais, consiste em prover condições para que as qualidades físicas e imateriais de um monumento, área ou sítio histórico possam perdurar no tempo, assegurando-lhe segurança contra roubo, vandalismo, ataques ambientais e intrusões visuais. A proteção pode ser legal ou efetiva. A proteção legal tem como base normas de planejamento e critérios expressos em cartas patrimoniais e, sobretudo, na legislação vigente, seja essa legislação municipal, estadual ou federal. Visa a ações preventivas para resguardar o sítio contra qualquer risco ou dano, fornecendo instruções sobre medidas apropriadas como punição, multas ou compensação por danos ocasionados. A proteção efetiva de um patrimônio histórico deve incluir medidas legais e administrativas a abranger desde a definição da situação fundiária até ações de proteção física, como o cercamento integral das áreas naturais, as medidas de segurança e o serviço de vigilância.
- **Manutenção** é a ação ou o conjunto de ações sistemáticas e rotineiras, com vistas a manter um bem cultural em condições de uso ou fruição. Significa a proteção contínua da substância, do conteúdo e do entorno de um bem.
- **Conservação** é o conjunto de ações destinadas a prolongar o tempo de vida ou a integridade física de um bem cultural. O objetivo primordial da conservação é preservar a autenticidade e integridade do bem.

As ações de conservação podem ser destinadas a recuperar, refazer ou restaurar partes danificadas. Obras de reabilitação destinadas a aumentar os níveis de qualidade para um novo uso da edificação são objetos do projeto de restauração. A conservação inclui a prevenção contra deterioração, de modo a manter o estado existente de um bem cultural livre de danos ou mudanças. O conceito de conservação inclui vários tipos de tratamento para salvaguardar o sítio, suas edificações, a vegetação, o traçado das edificações. A conservação inclui ainda outras atividades como manutenção, consolidação, reparação, reforço e prevenção.

- **Restituição** é o conjunto de operações para recuperação das condições originais do bem cultural, em respeito ao espírito da época, seja por remoção de partes espúrias ou por reconstrução de partes, supostamente originais, já degradadas ou desaparecidas.
- **Restauração** é a ação para recuperação e reintegração de partes ou de todos os elementos de um bem cultural móvel ou imóvel com o objetivo de preservação. A restauração envolve todas as outras operações e formas de intervenção física em bens culturais.

As intervenções de restauração nos bem históricos têm a finalidade de garantir a unidade e permanência no tempo dos valores que caracterizam esses conjuntos, por meios e procedimentos ordinários e extraordinários. A restauração não se limita a operações destinadas a conservar unicamente os caracteres formais de ambientes ou de bens isolados. Estende-se também à conservação substancial das características conjunturais de um sítio e de todos os elementos que concorrem para definir tais características.

O objetivo da restauração não é apenas conservar a integridade do bem, mas também revelar seu valor cultural e melhorar a legibilidade de seu desenho original. A restauração, operação altamente especializada, baseia-se num constante processo de avaliação e não em conjeturas. O objetivo da restauração não é apenas devolver a um bem seu estado original, pela reconstrução das formas perdidas. Mais do que isso é revelar, dentro do estado original, os limites do material existente, divulgando e conferindo-lhe valores.

Quando se pensa em desenvolver o turismo em determinada região, as primeiras ações geralmente se voltam para o transporte, a hospedagem, a

alimentação e as opções de compra e lazer dos visitantes. Há sempre um pressuposto de que o turista irá descobrir por si mesmo e maravilhar-se automaticamente com as belezas naturais, as edificações e monumentos históricos e as várias manifestações artísticas e culturais.

Assim, pouca atenção é dada ao visitante no que se refere à informação sobre o lugar e seus habitantes, seus hábitos e costumes, sua história e suas lendas. Há muito a fazer entre nós para otimizar, olhar, provocar a curiosidade e levar o turista a descobrir toda a magia do lugar.

A tradição da interpretação do patrimônio natural e cultural sinaliza justamente o valor único de um determinado ambiente, buscando estabelecer uma comunicação com o visitante, ampliando o seu conhecimento. Em outras palavras, visa estimular suas várias formas de olhar e aprender o que lhe é estranho. Como a experiência turística é fortemente visual, o olhar do visitante procura encantar a singularidade do lugar, seus símbolos e significados mais marcantes. Os ambientes, sobretudo as cidades, devem ser vistos como um enigma a ser desvendado pela exploração, como um texto a ser interpretado pelo explorador.

Para se fazer uma viagem uma experiência verdadeiramente cultural precisamos, no entanto, desenvolver a preservação e interpretação de nossos bens culturais, traduzindo o seu sentido para quem os visitam. Mais que informar, a interpretação tem como objetivo convencer as pessoas do valor de seu patrimônio, encorajando-as a conservá-lo. Esta é a sua essência.

Assim, uma boa apresentação e interpretação fazem o turista sentir que uma cidade histórica ou um parque natural são lugares especiais. O som de um órgão pode criar um clima especial e valorizar a visita a uma igreja barroca. A história de uma cidade através dos séculos pode ser mais bem fixada na memória das pessoas através de painéis bem desenhados.

Como nos diz Murta e Celina (2005): “Numa cultura ocidental globalizada, que busca entretenimento a todo custo, é fundamental tocar a emoção, provocar as pessoas, estimular novas formas de olhar, de ver e apreciar”.

O turismo, como prática econômica precisa encontrar formas mais respeitadas de inserir no cotidiano das comunidades receptoras. É fundamental que os investimentos sejam adequados à vocação do lugar, possibilitando à população participar e usufruir seus resultados.

Nesse sentido, envolvendo desde o início a população do lugar, a preservação pode ser um poderoso aliado do desenvolvimento local sustentável. Uma comunidade que não conhece a si mesma dificilmente poderá comunicar a importância de seu patrimônio, seja na interação com os visitantes, seja na sensibilização das operadoras. A prática da preservação deve, portanto, promover a discussão entre os vários segmentos sociais sobre aquilo que torna seu lugar especial e diferente. Deve também levar os moradores a descobrirem novas formas de olhar e apreciar seu lugar, de forma a desenvolver entre eles atitudes preservacionistas. E finalmente, despertar novas habilidades e possibilitar oportunidades de trabalho e renda ligados ao turismo.

5 INTREPRETAÇÃO: CONCEITOS, OBJETIVOS E PRINCÍPIOS.

4.1 Conceito

Ao querer uma definição de interpretação pode-se dizer que é um processo de adicionar valores á experiências de um lugar, por meio de provisões de informações e representações que realçam sua história e suas características culturais e ambientais.

Desta feita, a interpretação existe desde que os primeiros viajantes registraram suas impressões em seus diários, desde que habitantes de um determinado lugar elaboraram as primeiras excursões, e que os primeiros monumentos comemorativos foram erguidos em espaços públicos.

A partir do desejo pessoal e local de se falar com orgulho do passado histórico, de proezas recentes, ou mesmo de problemas atuais, bem como a coleta de evidências pessoais da história, são fundamentais no processo de interpretação e valorização. Assim sendo em qualquer cultura, as lembranças pessoais e as experiências passadas, fotografias antigas de eventos históricos e de famílias, fornecem marcos de vidas individuais, são de grande valor para o processo de interpretação do patrimônio.

Entretanto, o termo “interpretação” nasceu nos Estados Unidos e começou a ser usado nos finais dos anos 30 para descrever programas e atividades oferecidas por naturalistas e historiadores nos parques nacionais norte-americanos. (PEREIRA, 2004).

Nos Estados Unidos, Freeman Tilden é considerado o pai interpretação, pois quando em 1957, definiu a interpretação como:

Uma atividade educacional cujo alvo é, a partir de objetos originais ou através de utilização de meios ilustrativos, revelar significados e relações, os quais facilitam uma experiência profunda, em vez de uma comunicação que só use informação dos fatos.

(TILDEN, 1957)

Então segundo o autor, a interpretação é uma comunicação que tem como foco central a transferências de idéias e não de fatos.

Existem outras definições na literatura sobre a interpretação, propostas por outros autores como segue abaixo:

Para Risk (1976) é a “tradução de linguagem técnica e complexa do ambiente, para uma forma não técnica, sem por isso perder o significado ou precisão, com o fim de criar no visitante sensibilidade, conscientização, entendimento, entusiasmo e comprometimento para com o recurso interpretado”. Essa definição frisa o uso da linguagem adaptada, objetiva, instigante e de fácil compreensão para o visitante.

De acordo com Ham (1992) é “uma atividade educacional que aspira revelar significados e reações, através do uso de objetos originais, de experiências próprias ou por meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar informação de fatos”.

Segundo Sharpe *et al.* (1994) é “um serviço educacional que explica os vários recursos de um parque ao visitante, em termos que ele entenda e aprecie”.

Como podemos observar há vários traços em comum nas várias definições, como por exemplo: tradução, revelação e educação. Contudo, Tilden e Ham (1977) oferecem a definição mais completa, pois incluem a revelação de significados e relações como alvo principal da experiência, isto é, tanto para o visitante local como para o de fora, os significados revelados e ligações estabelecidas entre as espécies, o ser humano e o meio ambiente visitado são os conhecimentos que lhes enriquecem a visita. Assim sendo, a parte que agrega um valor intangível à visita, a experiência e conhecimentos adquiridos.

Portanto, interpretar é uma comunicação que revela o significado do objeto visitado, revelação esta que pode causar mudanças positivas em atitudes e de certa forma contribuir para fortes elos entre o visitante e o visitado.

4.2 Objetivos

Segundo Sharpe *et al.* (1994), são três os objetivos principais da interpretação:

- Auxiliar os visitantes na conscientização do valor do local visitado, para que possam entendê-lo e apreciá-lo;
- Alcançar metas de gestão para o parque ou unidade de conservação

- Fomentar compreensão entre o público e os órgãos responsáveis pela gestão de áreas protegidas, para que possam alcançar suas metas e objetivos de manejo.

Há um mais recente objetivo de 1990, o Serviço Florestal dos Estados Unidos estabeleceu os quais são baseados nos de Sharpe (1994). Estes objetivos, embora de caráter ambiental, também podem ser adaptados os cenários de ordem cultural.

Contudo, facilita o conhecimento e a apreciação da natureza, objetivando conservar seus recursos naturais, como no caso da Amazônia, históricos e culturais; visa aumentar a satisfação dos visitantes; servir de ferramenta para o manejo dos visitantes; estimular a participação do visitante nas questões político-ambientais. Acrescentar valor à experiência do visitante, elevando o seu nível de satisfação; realçar a necessidade da conservação do patrimônio visitado.

A satisfação do visitante está relacionada, em grande parte, à experiência de aquisição de novos conhecimentos ou, em outras palavras, quanto mais novidades capturam, maior o seu grau de conhecimento. Mas para isso o visitante não espera leituras ou exposições cansativas e maçantes, diante das quais tenha que manter uma atitude passiva. Espera participar ativamente num processo real e agradável e que lhe desperte o interesse, e a disposição.

Por outro lado, ao aumentar o nível de conscientização sobre o patrimônio natural ou cultural, atribui-lhe um maior nível de respeito, facilitando sua conservação e contribuindo por minimizar impactos sobre bens similares em outras localidades. Além do mais, a interpretação colabora com a promoção do patrimônio junto à população e representa um mecanismo de democratização do conhecimento ambiental, muitas vezes acessível apenas a classes sociais privilegiadas de alguma maneira.

4.3 Princípios

Os objetivos específicos da interpretação e de seu planejamento, bem como a escolha da mídia e das técnicas de apresentação, variam de acordo com o objeto da intervenção. Todos, no entanto, devem compartilhar dos seguintes princípios:

- Sempre focalizar os sentidos do visitante, de forma a estabelecer a conscientização pessoal sobre determinadas características do ambiente.
- Utilizar variadas artes visuais e da animação, seja o material apresentado científico, histórico ou arquitetônico.
- Apresentar a história completa, em vez de partes desta; dirigir-se à pessoa inteira.
- Ser acessível a um público o mais amplo possível, levando em consideração da animação, seja o material apresentado científico, histórico ou arquitetônico.
- Não apenas instruir, mas provocar, estimulando a curiosidade do visitante, encorajando a exploração mais aprofundada do que está sendo interpretado.
- Adotar uma abordagem abrangente, ligando os temas do passado, do presente e do futuro, realçando a dimensão sócio-econômica, ao lado das dimensões histórica, e ecológica e arquitetônica.
- Não tentar vender uma verdade universal, mas destacar a diversidade e a pluralidade culturais. A interpretação deve fomentar a aceitação e a tolerância como valores democráticos.
- Levar sempre em consideração o atendimento ao cliente, indicando ou provendo instalações básicas, como sanitários, segurança, pontos de descanso e estacionamento, elementos essenciais a uma experiência prazerosa do lugar.

Já Tilden (1977) nos coloca outros princípios abaixo relacionados:

- Cada interpretação que não relaciona o que está sendo demonstrado com a experiência do visitante seria estéril;
- Informação em si não é interpretação. Interpretação é revelação com base em informação, porém completamente diferente. Mas toda interpretação conte informação.
- Interpretação é uma arte que combina muitas artes que sejam científicas, históricas ou arquitetônicas. Todas são ensináveis.
- A meta principal não é instrução, porém provocação.

- Interpretação deve tentar a apresentar um integral e não parte e deve-se apresentar como integral sempre.
- Interpretação para crianças até 12 anos não deve ser uma diluição de que dada pra adultos, porém dado num jeito diferente e programas separados.

A interpretação deve se relacionar com algo de experiência do visitante; perceber e conectar a personalidade do visitante é muito importante, lembrando que a interpretação liga o visitante ao ambiente através de seus sentidos e quando maior o número deles em uso mais eficiente à atividade; não são abordados objetos virtuais, mas sim aqueles que possam presenciar, experimentar, sentir, tocar, etc. A interpretação não é informação e sim uma revelação baseada na informação, na interpretação o objeto de interesse se revela em sua forma real pela experiência e não por adjetivos e valores afirmados por terceiros.

A interpretação é fundamentalmente uma arte de comunicação, e isso significa que, embora existam pessoas com maiores ou menores facilidades para tal, ela pode ser aprendida em algum grau, ademais, isso significa que diferentes formas de comunicação e diferentes profissionais podem ser utilizadas, com o uso, por exemplo, da arte visual.

O objeto fundamental da interpretação não é a instrução, mas sim a provocação, avivando a curiosidade e o interesse, espera-se que o visitante aprofunde por si mesmo a interpretação do objeto em foco, que ele questione e se sinta o conquistador de seus novos conhecimentos.

A interpretação deve ser dirigida à audiência específica, embora nem sempre seja possível, pois ela mostra-se mais eficiente quando o público alvo não se apresenta muito diverso em seus interesses e objetivos, como acontece a atividade se dirige a um público infantil da mesma faixa etária, por exemplo, ao mesmo o tempo deve estar preparado para atender amplamente a todo público. Assim sendo a interpretação deve apresentar o fenômeno na sua totalidade, e isso significa o compromisso da interpretação com a realidade, que não é fragmentada ou divisível a não ser em nossas mentes, numa abordagem holística, exibindo as relações existentes entre os diversos fenômenos naturais, históricos e culturais.

A interpretação à medida que vai se desenvolvendo incorpora novos princípios, como:

- A interpretação de ser realizada em parceria com a comunidade local, e isto revelam a necessidade de respeito àqueles que em sua grande maioria dominam o patrimônio abordado e até mesmo se constituem em seus verdadeiros senhores.
- A interpretação não afirma verdades universais, mas destaca a necessidade da atividade incentivar a tolerância às diferentes formas de expressão cultural.

Assim sendo, interpretar é uma arte que cada vez mais vai se aperfeiçoando e se implementando com o desenvolvimento da sociedade e por não dizer do próprio homem, haja vista que é também que é um compartilhar, e compartilhar se entende como transferência de conhecimentos sobre o objeto visitado. Onde esse objeto pode ser um centro histórico, um museu, uma área protegida ou a própria cultura de um local.

5 PLANEJAMENTO: Breves conceitos e as estratégias interpretativas

5.1 Conceito de planejamento

Nas ciências humanas não há definições precisas, como no caso das ciências exatas, então a partir das ciências sociais tentaremos trabalhar o conceito de planejamento onde cada um pode optar por um conceito, aqui daremos alguns.

Para (Batista *apud* Barreto, 1991:11) o termo planejamento “se refere ao processo permanente e metódico de abordagem racional e científica de problemas”.

Para Ackoff (*idem*) “é um processo que se destina a produzir um ou mais estados futuros desejados e que não deverão ocorrer a menos que alguma coisa seja feita”.

Já para Newman (*id ibidem*), “planejar é decidir antecipadamente o que deve ser feito. Planejamento é uma linha de ação pré-estabelecida”.

Entretanto uma das definições que melhor sistematizam o planejamento é o conceito de Muñoz Amato, onde o planejamento é a formulação sistemática de um conjunto de decisões, devidamente integrados, que expressa os propósitos de uma empresa e condiciona os meios de alcançá-los.

Portanto, o planejamento é algo que está em constante atividade não é algo estático, como diz Platão (427-347 a. C) é um devir, um acontecer que envolve muitos fatores que por sua vez devem ser coordenados para que se possa alcançar um determinado objetivo, isto é, um processo dinâmico e que deve estar sempre em constante revisão, onde se exige um repensar constante mesmo após a concretização dos objetivos.

5.2 Fases e definições do planejamento turístico

Antes que ocorra ao homem a idéias de planejar, é necessário que tanto ele como o grupo ao qual está vinculado sintam a necessidade de mudar o estado de coisas, e tenham a convicção de que tal mudança será obtida pela via da negociação.

A necessidade de mudança esta presente há muito tempo em toda a sociedade. Na atualidade, diferente de época passadas, esta necessidade tornou-se manifesta em todos os nossos países e em camadas da população que, embora

sintam esta necessidade, não a potencializam. Também existe a convicção de que as mudanças na sociedade deveriam ocorrer pela via pacífica.

Entretanto, num contexto mundial, nem todas as sociedades estão dispostas a experimentar uma mudança por esta via e outras nem sequer imaginam que o estado de coisas deve ser mudado, como no caso concreto das sociedades dominantes. Do que uma sociedade depende para estar disposta a mudar? Simplesmente do grau de insatisfação frente á realidade que se lhe apresenta.

Quando um estado de coisas não permite a certos setores de a população manter um nível decente, surge uma situação de insatisfação. Esta insatisfação experimenta na medida em que aumenta o número de pessoas que ficam à margem da participação na vida nacional em qualquer de seus aspectos. Quanto maior for a distancia entre a situação real de vida da população e a situação ideal, maior será o grau de insatisfação da sociedade.

Na América Latina, a insatisfação da sociedade frente à sua situação alcança níveis alarmantes, entretanto, a insatisfação experimentada faz com que se desenvolva simultaneamente a necessidade de mudanças e aqui que o planejamento pode ocorrer e iniciar-se o seu processo, como estratégia de se conduzir, para que aja uma reação da população como partilha tanto de conhecimento como seus objetivos.

Para o bom êxito do processo, é indispensável que a fase de aplicação seja cumprida satisfatoriamente em cada uma de suas etapas, pois do contrário, o planejamento não será mais de que um instrumento duvidoso de abuso político.

Entretanto, faz-se necessário um diagnóstico (grifo nosso) que é a primeira etapa do processo de planejamento turístico, na qual se analisa a situação do objeto ou o objeto no qual se pretendo mudar, claro que com a finalidade de compreender sua estrutura, composição e comportamento.

Uma vez elaborado o diagnóstico, deve-se fazer um prognóstico (grifo nosso), ou seja, a previsão referente ao tipo de comportamento futuro do objeto planejado. Onde se devem estipular as condições futuras a curto, médio e longo prazo. Em seguida da elaboração do diagnóstico e o prognóstico, passa-se à etapa de identificação e fixação dos fins (grifo nosso).

O fim resume as expectativas e as aspirações da sociedade em relação a si mesma no futuro. Sua fixação, além de orientar a evolução no sentido desejado, compromete, para sua obtenção, os diferentes agentes que intervêm no processo.

As diferentes aspirações devem ser alcançadas total ou parcialmente no tempo. Tais fins podem ser em nível nacional, regional, estadual e municipal. O êxito de todo o processo dependerá sempre do grau de compatibilidades e complementaridade que existe entre os fins referentes a diversos âmbitos espaços-temporais. O que se supõe a programação das atividades

Para tanto pressupõe a fase de programação das atividades, pois mediante a programação pode-se determinar com exatidão os diferentes passos, atividades e tarefas que dão forma ao desenvolvimento, e por último, a fase da avaliação (grifo nosso). Esta fase do processo deve está presente em todos os momentos, ou seja, em cada uma das fases da metodologia de planejamento. A avaliação é uma atividade que consiste na comparação do desejado, do preestabelecido, com o obtido, com o realizado. Além disso, ao avaliara, mede-se a diferença existente entre a situação desejada e os resultados realmente obtidos, identificando as variáveis que incidiram sobre a diferença. Mesmo assim, na fase de avaliação serão estimados os efeitos que os desvios terão no cumprimento dos objetivos e metas.

5.3 Principais qualidades interpretativas

Como podemos perceber anteriormente, interpretação se refere à partilha e transferência de conhecimento sobre o objeto visitado, do guia intérprete para o visitante, o mesmo deve usar como estratégia o bom humor para manter o visitante em um clima de interpretação agradável (grifo nosso).

Embora o objetivo principal da interpretação não seja diversão em si, se o guia intérprete usar humor e boa disposição, terá mais sucesso em reter a atenção da sua audiência do que se fizer uma apresentação de modo séria. Dado que o visitante não é obrigado a escutar, ele pode levantar-se e sair ou, dependendo da situação, afastar-se do grupo em busca de outro ponto de interesse. Por cortesia, também poderá continuar no seu lugar e, simplesmente, desligar a antena, viajando em pensamento para lugares mais interessantes.

Vários investigadores afirmam que se o intérprete usar métodos semelhantes aos utilizados na educação formal, tais como quadros, tabelas e gráficos, o grupo rapidamente perde o interesse, não é uma audiência cativa. O intérprete será bem-sucedido se usar métodos que envolvam a audiência, tais como

fazer perguntas. Outros métodos participativos, que tornam a atividade mais agradável e geram relações de afabilidade entre o grupo, aos quais Ham (1992) chama de “quebra gelo”, onde incluem jogos ou brincadeiras.

O guia pode incorporar na sua conversa aspectos socioculturais da região, e para tanto terá antes que fazer o seu planejamento de como poderá conduzir sua estratégia.

De acordo com Ham (1992) outras sugestões são o uso freqüente de sorriso, dado que o sorriso é o indicador universal de alegria e boa disposição; o uso de verbos na voz ativa, pois são palavras poderosas em qualquer idioma e torná-la passiva tira-lhes a força.

A interpretação deve ser pertinente (grifo nosso), ou seja, relacionada com alguma coisa significativa e pessoal. A informação significativa é aquela que pode ser associada com algo que já conhecemos, fato que torna mais apto prender a atenção do espectador. A informação pessoal é aquela que inclui assuntos como família, saúde, qualidade de vida, crenças, valores, entre outros que correspondem a todos e fáceis de incluir em todo tipo de apresentação, Ham (1992) chama essa técnica de “referência ao próprio”.

A interpretação deve ser organizada (grifo nosso), cujas idéias são apresentadas de uma maneira clara e são fáceis de seguir, uma audiência não cativa desliga a antena se tiver de se esforçar muito para, intelectualmente, seguir o palestrante ou guia. A razão é que esta audiência, na maior parte das vezes está em tempo de lazer e não pretende aplicar energia em seguir uma apresentação onde a mensagem é difícil de entender.

A pesquisa de Miller (1956), em Ham (1992) indica que o número de idéias que o ser humano melhor pode reter é cinco, estando ele de férias ou não. Entretanto, faz sentido que o guia intérprete não exponha mais de cinco idéias por apresentação. Cada ponto deve ser desenvolvido de forma clara e coesa para que a sua audiência possa seguir os argumentos fornecidos.

5.4 Meios e técnicas interpretativas

5.4.1 Interpretação ao vivo

Também é conhecida como interpretação pessoal, com a ação de um guia ou alguém que domine e conheça o lugar visitado, atuando, conversando, ilustrando, explicando os temas e processos aos visitantes. Podem ser apresentadas de várias formas como representações e performances, excursões a pé, de bicicletas ou motorizadas.

Algumas regras devem ser observadas aos guias interpretes. Primeiramente devem ganhar o respeito do visitante, requerendo anteriormente treinamento e pesquisa pessoal evitando as imprecisões. Em segundo lugar, deve equilibrar os comentários e/ou demonstrações com as necessidades do lugar e com a tolerância dos visitantes. Em terceiro, deve assumir o papel de guarda e/ou segurança garantindo a boa condição do visitante e do local visitado após a atuação. Por último deve unir a harmonia de sua apresentação com a interpretação geral do local.

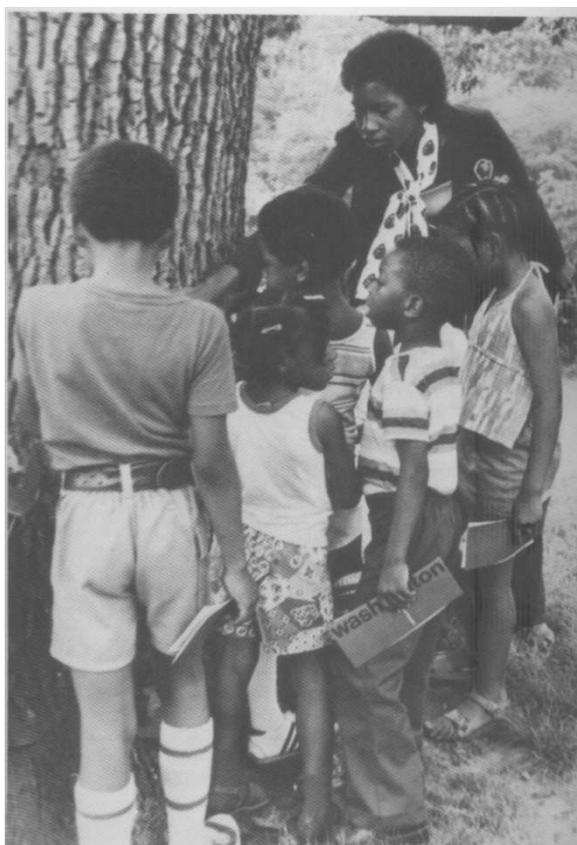


Figura 1: Uma classe de estudantes visitando o Frederick Douglass Home, parque natural em Washington-D.C. Fonte: National Park Service, Bill Clar



Figura 2: Algumas espécies de plantas protegidas dentro em casos que ajudam os visitantes a aprender os nomes de plantas do Blue Ridge Parkway, Virginia - Carolina do Norte. Fonte: National Park Service.



Figura 3: Um guarda florestal fala aos pequenos visitantes as regras da estrada do mar dentro da ecologia do Acadia's águas costeiras. Fonte: National Park Service, Jack Boucher.

5.4.2 Textos e publicações

Os textos e representações constituem a base de vários meios de interpretação, como placas painéis, letreiros e comunicações. As publicações vão desde cópias até *folders* impressos coloridos, que complementam as informações obtidas nas apresentações e servem como guias pessoais aos visitantes. O material impresso é visto como oportunidade a mais para a publicidade das atrações, melhora a percepção do público, e se torna um *souvenir* a ser levado para casa.

Folders complementam a sinalização interpretativa de sítios históricos do Museu Aberto do Descobrimento em Porto Seguro, Arraial d'Ajuda e Trancoso.

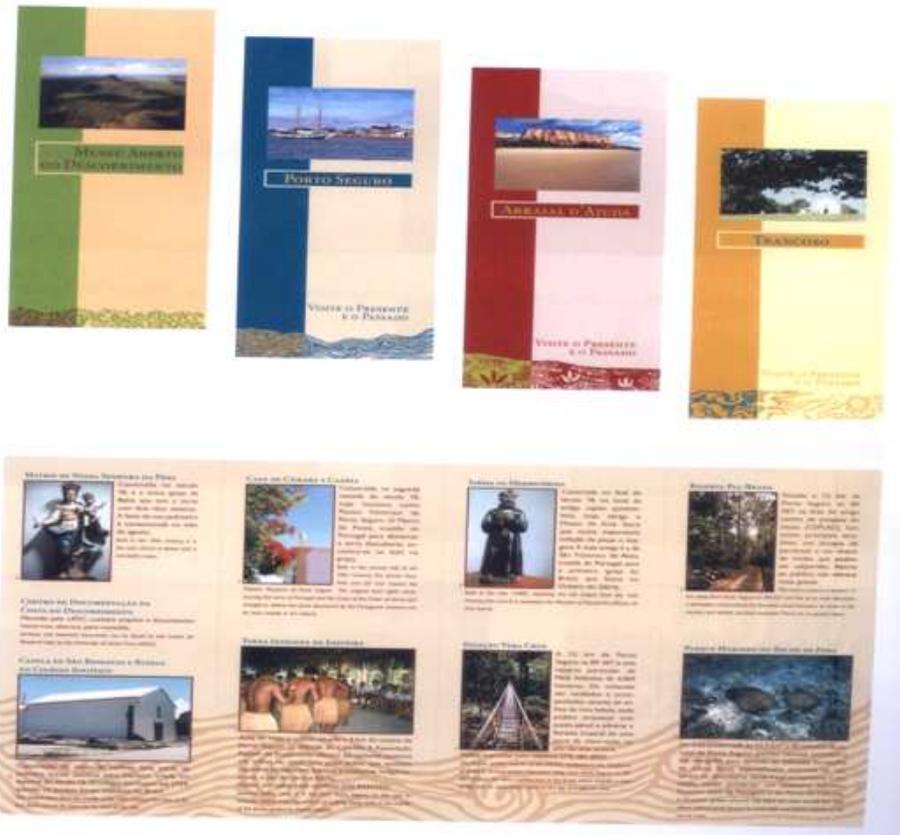


Figura 4: Folders que complementam a sinalização de sítios históricos do Museu Aberto do descobrimento.

Fonte: Murta e Albano, 2002.

5.4.3 Interpretação com base no design

São cada vez mais utilizados na apresentação do patrimônio, parques, cidades, museus, centros culturais e de visitação, vêm sendo incorporados pela nova museografia tornando os sítios de visitação mais atraentes e agradáveis para um público consumidor crescente. Podem ser agrupados nos meios estáticos e meios animados de interpretação.

- Meios estáticos de exibição

Tipo de mídia que representa textos, ilustrações e representações para a sensibilização, informação e direcionamento dos visitantes. Não envolve a participação do visitante, este se limita a ver e apreciar.

- Placas, painéis e letreiros

Existem alguns princípios que definem a qualidade e conteúdo de placas, painéis e letreiros que merecem atenção e cuidado na sua montagem.

O texto deve ser curto, simples, e em harmonia com as ilustrações para facilitar o entendimento do visitante. A estrutura e o material devem ser de qualidade para resistir à ação do clima e vandalismo, e assim, garantir a sua durabilidade.

A altura da montagem deve facilitar o acesso às crianças e aos deficientes físicos, deve ainda com a sua localização, evitar a poluição visual e não descaracterizar o ambiente – caso mais comuns com os letreiros comerciais, que podem tanto valorizar como arruinar as fachadas originais das ruas e prédios.



Figura 5: Uma interpretação lateral ao caminho (placas) mostra ajudar a recriar o passado em Yorktown dentro do Colonial National Historic Park.
Fonte: National Park Service.



Figura 6: Casa Histórica de Curitiba-PR, painéis que retratam o passado e a evolução histórica do centro da cidade. Fonte: Soares, 2006.



Figura 7: Casa Histórica de Curitiba-PR, painéis que retratam o passado e a evolução histórica do centro da cidade. Fonte: Soares, 2006.

- Objetos e documentos fixos e protegidos

A qualidade da estética e da exposição depende da escolha e design da mídia interpretativa, houve uma mudança gradual nas técnicas museográficas, antes expostas tradicionalmente em caixas de vidros e em paredes, hoje reproduzem e recriam cenários que enriquecem o acervo e a atmosfera do lugar em meio imobiliário e objetos decorativos. O uso de computadores, as retro projeções e impressão de documentos, mesmo que pagos, dão uma estrutura e suporte maior ao visitante.

- Modelos e reconstruções

Os modelos, que englobam até as miniaturas da realidade às cópias de figuras humanas em escala normal atraem e prendem muito mais a atenção dos visitantes por se aproximarem e serem mais parecidos com a realidade analisada.

São os exemplos dos manequins vestidos a caráter; exposição de fotografias originais dá oportunidade e embasamento para comparar e reconstruir o passado.

O diorama é uma forma de exibir modelos em três dimensões, numa escala que diminui gradativamente em direção ao fundo, exibem cenas cotidianas e são visualizadas apenas de um ângulo.

As maquetes de edifícios e parques são sempre atraentes e auxiliam visitantes a entender o ambiente interpretado como todo, numa visão global.



Figura 8: No National Park Service Museum Laboratory, artesão e artista especializado cria dioramas que dão surpreendentes sugestões da realidade.
Foto: National Park Service, Ralph Anderson.



Figura 9: Uma maquete do Fort Sumter ajuda um guarda-florestal a dar orientações históricas sobre o National Monument. Fonte: National Park Service.



Figura 10: Manequins vestidos a caráter, reconstruindo o passado da estação ferroviária do atual Museu Ferroviário de Curitiba-PR, compra de bilhetes da segunda classe. Fonte: Soares, 2006.

7 RECONSTRUÇÃO DO PASSADO PARA APRECIÇÃO PASSIVA

Exige uma pesquisa cuidadosa profissional, e o emprego de vários meios interpretativos para reconstruir uma determinada atmosfera histórica, com cenários de época e modelos adequados. Exemplo: Museu Histórico e Artístico do Maranhão, com utensílios domésticos, mobílias do período colonial.

7.1 Meios animados de exibição

Englobam instrumentos mecânicos e eletrônicos com a sofisticação da televisão e informática, que introduzem som, luz, cheiro e movimento, para acrescentar realismo á exibição e para torna a comunicação com o visitante mais eficaz.

7.1.1 Som

Os guias portáteis sonorizados, os guias de som para veículos, pontos específicos para audições e repetidores de mensagens (narrações gravadas) são geralmente associados a trilhas e roteiros, e proporcionam ao visitante uma experiência auto guiada oferecendo mais conforto e segurança.

Depoimentos pessoais, trilhas sonoras, narrações, sons do cotidiano, como por exemplo, do movimento das ruas, da vida selvagem, sons industriais dão um aspecto mais real e criam efeitos excelentes, essas são técnicas museográficas muito usadas atualmente.



Figura 11: Através de um aparelho de áudio visitantes no Superior National Forest escutam um Franco-Canadense “voyageur” falar para eles da árdua vida dos comerciantes de pele do século passado.

Fonte: United States Forest Service, Loren Woerpel.

7.1.2 Luz e imagem

A iluminação e projeção de imagens possuem potencial na apresentação de temas e cenários. É um tipo de mídia considerada muito útil e popular, às vezes, mais dispendiosas, mas produzem efeitos inesquecíveis, são os exemplos de painéis iluminados que combinam imagens e textos; apresentações de slides; projeções informatizadas com mudanças automáticas, dissolução de imagens, aplicações em telas múltiplas, sincronizadas com comentários; vídeo tape; filmes; projeções sobre mapas ou modelos para se obter efeito de movimento e som.

7.1.3 Movimento

Esse tipo de mídia animada também tem sido muito utilizado nos centros culturais, museus, parques, para trazer ao presente os sítios e eventos do passado, bem como processos naturais e culturais. Essa mídia é apropriada para demonstrar processos de funcionamento dos antigos complexos fabris, das antigas produções de energias e de produtos, representando o cotidiano de um determinado contexto

histórico de uma localidade. É uma técnica bastante interativa e os turistas são levados a aprender de forma lúdica, os temas e mensagens transmitidas.



Figura 12: Mundo a Vapor entre as cidades de Gramado e Canela-RS.
Fonte: Soares, 2006.

Como exemplo, o Mundo a Vapor que na fachada representa o acidente que aconteceu em uma estação em Paris. No acervo, encontramos ainda, a representação em escala reduzida dos tipos de forças, das técnicas rudimentares de energia (eólica, hídrica, térmica), produção agrícola, etc. tudo em movimento, mostrando todo processo, inclui ainda a menor fábrica de papel do mundo.

6.1.4 Plano interpretativo

A interpretação não é um evento em si, mas um processo contínuo que envolve a comunidade com o passado, o presente e o futuro de um acervo, de um sítio ou de uma cidade. Seu objetivo é apresentá-los, a promovê-los e atualizá-los como marcos importantes e como atrações.

Um plano interpretativo como diz Murta e Albano (2005) tem-se que incorporar as várias vozes da comunidade visa estabelecer no espaço uma rede de descoberta e de desfrute para residentes, visitantes e turistas, ampliando as possibilidades de desenvolvimento de projetos turísticos e culturais.

Ao se preparar um plano interpretativo, é sempre bom preparar um mapa emotivo do sítio e de seu entorno, para que se possa definir o tom apropriado da linguagem de conservação e de orientação do fluxo de visitantes. Mas é importante lembrar que somente um conhecimento profundo, tanto do objeto de interpretação quanto do público-alvo, possibilitará uma seleção adequada da mídia a ser utilizada na interpretação, e que deve ser sempre orientada para o consumidor quanto para o objeto. Desta feita às mensagens devem ser comunicadas de forma que seja eficaz com os usuários, para os quais o lugar, o objeto ou coleção, o tema, personagem ou história estão sendo interpretados.

6.2 Etapas da Interpretação

As etapas que são essenciais do plano interpretativo são:

- Registro de recursos;
- Temas e
- Mercados.

6.2.4 Recursos

Recursos culturais e ambientais, técnicos e financeiros devem ser levantados, o que de certa forma envolverá diferentes setores da administração pública e da comunidade. Fazendo-se necessários entendimentos políticos para que se possam trazer à baila as negociações com as autoridades de Planejamento, Cultura, educação, Meio Ambiente, Lazer e Turismo. Sendo necessário o envolvimento de profissionais de várias áreas, no delineamento das características locais e regionais.

6.2.5 Temas

Fazer um inventário de temas que proporcionará elementos significativos que possam definir o caráter do lugar como sua história e topografia, seus personagens e lendas, seus sítios e edificações. A estruturação das evidências

materiais é essencial para propiciar a base de um conceito eficaz de interpretação para a valorização, e certamente exigirá pesquisa junto às pessoas do lugar.

6.2.6 Mercado

Por último o mercado específico e o público-alvo devem estar definidos na fase de inventário. Pois o desenho de um programa de interpretação será fortemente influenciado pelo número, características, distribuição e necessidade dos visitantes, reais ou virtuais.

6.3 Desenho e montagem

A interpretação utiliza vários meios e técnicas para comunicar mensagens aos seus visitantes. A escolha dos meios e técnicas de interpretações adequadas ao objeto interpretado e ao público usuário é essencial nessa etapa. Tudo dependerá do conhecimento aprofundado dos recursos e do mercado inventariados anteriormente, das decisões dos profissionais envolvidos e de concordância dos financiadores e patrocinadores do programa.

Entretanto é bom salientar que um conhecimento profundo, tanto do objeto de interpretação, quanto do público-alvo, possibilitará a seleção adequada das mensagens da mídia. Portanto, uma interpretação de qualidade pressupõe pesquisa bem elaborada e um bom design profissional. Do tipo placas e painéis informativos, colocados ao lado de edificações e sítios especiais, facilitam os conhecimentos históricos e ambientais do visitante, valorizando suas experiências. Painéis ilustrados com bom design são particularmente eficazes para recriar na mente dos visitantes ambientes passados, como paisagens ou ruínas. Desenhos recortados axonométricos, diagramas seqüenciais e reconstituições idealizadas também são úteis para expressar noções e funções do espaço e de seu contexto histórico.

Desta feita à interpretação do lugar é algo indispensável, pois é conceito de atendimento ao cliente, que de certa forma assegura ao visitante informação e entretenimento, ao mesmo tempo em que o faz sentir-se confortável e, portanto, bem vindo ao local. Contudo, lembrar que os serviços públicos de qualidade são

destes feitos elementos indispensáveis ao bom atendimento ao turismo e à população.

6.4 Gestão e promoção

Para que se possa garantir necessário se faz uma boa gestão de um plano de interpretação para que assim a preservação e atualização das instalações interpretadas, sejam elas privadas, públicas ou com a comunidade. Em todos os casos, é importante programar as necessidades de monitoramento, manutenção e avaliação e por que não dizer treinamento da equipe, de modo a planejar o custeio e assegurar o financiamento adequado.

Atrações culturais e naturais valorizadas pela interpretação devem merecer publicidade nos principais guias de turismo, bem como nas publicações voltadas para mercados especiais e de certa forma requererem gerenciamento eficaz da publicidade.

Igualmente, convém lembrar aos órgãos oficiais e agências e operadores de turismo que antes de anunciarem roteiros e atrações nas publicações especializadas, devem certificar-se da qualidade e da regularidade dos serviços oferecidos. E que merecem igual atenção à questão dos horários de visitação, da qualidade do acesso, dos preos e da infra-estrutura de apoio existente, de forma que o turista esteja bem orientado.

Em síntese, o plano deve conter indicaoes de alternativas para a estrutura de gestão e publicidade das instalaoes, bem como uma estratégia de monitoramento, avaliaao e atualizaao, de forma a sustentar padrões de qualidade na preservaao e promoao de ambientes como atraoes-sustentáveis.

7 PONTENCIALIDADES INTERPRETATIVAS MARANHENSES: O Sítio do Físico

7.1 Contexto geográfico e social do Sítio do Físico.

O Sítio do Físico encontra-se inserido dentro do Parque Estadual do Bacanga, localizada ao norte do estado do Maranhão, no município do São Luis, foi estabelecido pelo Decreto-estado nº 7.545 de 02 de março de 1980 e possui uma área de 3.065 hectares. O Parque Estadual do Bacanga, por essa característica de aspectos climáticos da região Amazônia, tem um destaque para sua vegetação com árvores de grande porte, o mesmo é alimentado pela represa da Batatã, que abastece para parte da cidade de São Luis, é considerado uma Unidade de Conservação pela grande biodiversidade.



Figura 13: Pista de acesso, lateral da guarda ambiental.
Fonte: José Maria Maia, 2004.

O Parque do Bacanga limita-se ao norte, com o Parque Pindorama, Parque Timbiras, Coroadinho e Sacavém; ao sul, com a área do Distrito Industrial de São Luis; ao leste, com o bairro Santo Antonio e Tirirical e ao oeste, com a Vila Maranhão e área da Companhia Vale do Rio Doce.

Ocupa a área centro-oeste da ilha e está localizado entre zonas de alto índice demográfico e o Distrito Industrial.

Atualmente, a situação contextual e enquanto a sua própria atratividade como produto turístico, o Sítio do Físico, se resume à visita de pesquisadores, e grupos de estudantes interessados na importância histórica do local, não existindo recursos estruturais para o turismo cultural, fazendo com que o desconhecimento da importância das ruínas sofresse um longo período de degradação e abandono.



Figura 14: Caminho ao redor do Sítio propício à implantação de uma trilha ecológica.
Fonte: José Maria Maia, 2004.

Como se sabe, a problemática no que diz respeito aos problemas sociais são variados, dentre as quais citamos a falta de moradia, que se apresenta como um problema macro, e que reflete substancialmente em nossa realidade, o que faz com que haja uma busca desenfreada por locais e espaços, que muitas vezes servem como sub-moradia, o que imprimiu em torno da área o desenvolvimento de vilas, no bairro do Coroadó, mas precisamente na área do Parque Estadual do Bacanga, o que representou uma proliferação de invasões, provocando prejuízos às ruínas arqueológicas do sítio do físico. Assim como a falta de conscientização por parte do poder público aos populares, levando a não considerar o devido respeito ao

patrimônio cultural do Sítio, transformando-se assim num ponto de depredação muito freqüente.

Devido às condições sociais da população marginalizada dessas invasões, as mesmas se utilizam o aspecto do Sítio, destruindo-o através de construções de caeiras para a produção de carvão vegetal, para isso cortam árvores, destroem a vegetação rasteira, retiram lenha, barro e pedras, para a construção de novas semimoradias.

Têm-se também outras preocupações além das invasões, como a multiplicação das chácaras, como o Sítio Laranjeiras, o Sítio do Mamão, e o Sítio da Lapa. Daí dizer-se que embora se encontre quase que totalmente em ruínas, faz-se necessário um trabalho que preserve a beleza ambiental e a notável amplitude do antigo complexo industrial, pois enquanto o mesmo continuar no descaso, a possibilidades efetiva da completa destruição do que ainda resta, do outrora fabuloso Sítio do físico.

7.2 Contexto histórico do Sítio do Físico

A vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808, fez com que fossem criadas e implantadas indústrias no território nacional, e não poderia ser diferente no Maranhão, daí o Físico-Mor, Antonio José da Silva Pereira recebeu por alvará o Sítio Santo Antonio das Alegrias, hoje Sítio do Físico, onde instalou um complexo industrial, dedicado ao manufaturamento de couros, o Físico-Mor é considerado um dos possíveis construtores do curtume, situado às margens do rio Bacanga, que segundo sua própria posição geográfica e condições físicas favoráveis, oportunizaram o funcionamento de um grande curtume no século XIX.

Localizado a 10 km do centro de São Luis, sendo o mesmo possuidor de expressiva beleza, que no seu apogeu de funcionamento, servira como uma grande indústria de beneficiamento de couros de gado para São Luis, havendo a existência de um curtume, uma indústria de beneficiamento de arroz e uma fábrica de velas. Não esquecendo de ressaltar o papel primordial do Rio Bacanga como caminho para o transporte da matéria-prima e a saída da mesma, sendo feita o transporte direto ao porto de São Luis.

Convém ressaltar que os historiadores apontam o Sítio do Físico como o vetor de uma serie de relações econômicas e sociais, tendo um papel de destaque e

por que não dizer revolucionário. Em virtude do suposto curtume do complexo industrial do sítio do Físico apresentar toda uma área de produção com utilização de mão-de-obra escrava, que ajudara a erigir a funcionalidade industrial do espaço histórico-econômico da época.

Envolvidos ainda nesse arde mistério, pensa-se que a história do Sítio do Físico confunde-se com a própria história de Antonio José da Silva Pereira, sendo mencionadas como “estórias ou invencionices” por não haver fundamentação documental da fácil acesso, as mesmas partem desde cogitar que o Físico-mor teria relações colaboracionistas com generais de Napoleão Bonaparte, bem como ter sido médico particular da rainha de Portugal Maria I, sendo assim, por ser de grande importância no Reino, só sairia em missão oficial, no entanto esclarecimentos precisos a respeito de tal assertiva só poderão ser sanados através de pesquisa mais aprofundada, mediante informações e documentação encontradas com maior precisão na Torre do Tombo em Portugal.

7.3 Potencialidades e entraves para o Sítio do Físico

Mediante todas as características potenciais nos aspectos naturais e históricos, referenda-se que o Sítio do Físico, é um atrativo turístico belo a ser explorado, tornando-se importante no cenário nacional e regional, que necessita de valorização e conservação do espaço, e incentivo para utilização de seus recursos naturais no contexto sócio-econômico, sendo assim é necessário ainda, ampliar as perspectivas de contribuição para o Sítio do Físico, estabelecendo os elos entre a sua importância histórica e o seu despontar para a atividade turística.

A preservação desses complexos os torne excepcional didático para sua utilização no turismo cultural. Visto que na organização da funcionalidade do espaço é reveladora de muitos aspectos de vida cotidiana em vários períodos da história.

(PIRES, [s.d] p.12)

No entanto, o que se percebe é que o Sítio do Físico permanece abandonado ao longo dos anos, desde que foi desativado, e se transformou em um local ermo, e o mercê de vândalos, que por motivos variados, invadem o local para depredá-lo. Fora isto, sabe-se de inúmeros projetos e idéias, tanto de Órgãos culturais do Estado do Maranhão, bem como também de instituições federais e

municipais, na tentativa de recuperar as ruínas do Sítio, revitalizar sua área, onde, em meio a fornos, poços, tanques e caeiras construídos com pedras e lajotas portuguesas encontram-se toda sua suntuosidade.



Figura 15: Imagem do Rio Bacanga vista do Sítio do Físico.

Fonte: José Maria Maia, 2004.

Sabe-se que por um longo período, que o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; SEPLAN – Secretaria Estadual de Planejamento; Secretaria de Minas e Energia e Meio Ambiente e Secretaria da Cultura, entre outros, embora, ainda envolvidos em projetos que visem à preservação e recuperação do local, pouco se foi feito, ou muitos desses projetos estão parados ou engavetados sem concretização efetiva, com inúmeras justificativas diante da precariedade de verbas e recursos.

Um projeto de turismo tem duas características importantes e fundamentais: valorizar e promover o patrimônio cultural autêntico. Porém, às vezes, o que é antigo é posto de lado, ignorado, ou simplesmente substituído pelo novo. É mais comum, inclusive, vermos projetos que criam cenários, inventam histórias, fazem parques temáticos, com elementos culturais descontextualizados [...]

(BARRETO, 1998, p. 56).

Enumeram-se a *posteriori*, tais projetos para perceber o quanto já se pensou em uma revitalização do Sítio do físico, após o minucioso “projeto de pesquisa de arqueologia e história sobre uma indústria maranhense”, dos

pesquisadores Ulysses Pernambuco de Mello Neto e Virginia Pernambucano de Mello.

Por mais ou menos duas décadas, os governos federais, estaduais e municipais, trabalharam em função da perspectiva de criar museus e áreas de lazer no local, através dos:

Órgãos Federais – Ministério da Educação e Cultura (MEC); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN); Fundação Nacional Pró-Memória; Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT); Financiadora de Estudos e Projetos; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq);

Órgãos Estaduais – Departamento de Projetos Especiais; Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagismo; Secretaria da Cultura do Maranhão (SECMA); Secretaria de Meio Ambiente e Turismo (SEMATUR 1980).

Obras Financiadas – Relatório de Pesquisa de Arqueologia Histórica e História do Sítio Santo Antonio da Alegria, Sítio do Físico, Ulisses e Virginia Pernambucano de Mello (1976); O Físico e o Sítio, pesquisa do Profº Jomar Moraes (1980); Projeto de Limpeza Arqueológica (1990); montagem do espetáculo teatral Édipo Rei; Instalação do Batalhão Florestal (1993); obra de estabilização de paredes e escadarias (1994);

Existiam também Projetos de Utilização do local com a elaboração e a participação de várias instituições, dentre estes:

- Projeto Museu da Indústria feito pela Companhia de Desenvolvimento Industrial (CDI) e a Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo (SICT) – 1980;
- Projeto Museu Ambiental do Sítio do Físico feito pelo arquiteto John Gisiger (1978);
- Projeto para Restauração do Sítio do Físico – criado pela SEPLAN e a Secretaria de Cultura (1985);
- Projeto de Restauração do Local – criado pelo coordenador do Projeto Praia Grande, Luiz Phelie Andrés com parceria da Secretaria de Cultura (1987);
- Projeto Jardim Botânico – SEMA/ Secretaria Municipal de recursos Hídricos como financiamentos do BIRD apoiado pela Rede Nacional de Parques e Jardins Botânicos do Brasil (1995).

Nesse sentido, observa-se que com certeza não houve falta de projetos e de iniciativas para a solução dos entraves, não só turísticos do Sítio do Físico, mas, de todo um aproveitamento integral do mesmo. Vê-se que é de suma importância à participação e a efetivação do poder público para a preservação e proteção desse patrimônio, evitando perda para comunidade de um pouco da sua história e das características que são peculiares a cada uma delas. Pois, a não evidência de proporcionar um a restauração a este local, faz com que o mesmo acabe por ser, um “conglomerado perdido na memória”, da sociedade, que observa tal patrimônio ser alvo de falácias e desmandos políticos.



Figura 16: Escadaria com pedra portuguesa (lateral), edificação de uma caeiras.
Fonte: José Maria Maia, 2004.

[...] o que se observa é uma verdadeira subutilização e esvaziamento destes locais, que, de outra forma, poderiam representar uma importante opção dentro do turismo cultural, ou mesmo cumprir suas funções educativas de maneira eficiente, independentemente até de um fluxo organizado de turistas.

(PIRES, 2001, p. 80)



Figura 17: Visão que destaca a espessura das paredes, a altura da edificação e seu traçado.
Fonte: José Maria Maia, 2004.

Ao lançar propostas para o despontar turístico do Sítio do Físico considera-se algumas sugestões feitas, anteriormente, e faz-se um destaque de alternativas que integrariam o local para tornar-se a ser um ambiente aprazível e freqüentado.

Dessa forma, observa-se que nos projetos acima supracitados, já se encontraram em voga; para a criação de toda uma estrutura que possibilitasse, a utilização de tal espaço memorável, dessa forma reiteramos alguns perspectivas e análises já utilizadas, bem como propomos o uso plausível de tal monumento histórico.

7.4 A importância do Sítio do Físico para o desenvolvimento da comunidade: análise dos dados da pesquisa.

A interpretação cada vez mais é reconhecida como um processo que se baseia na comunidade, a fim de ajudá-las a compreender e a trabalhar sua própria imagem sobre o lugar e a atrair visitantes que virão para compartilhar, e não deixá-los à margem do processo.

Rivière *apud* Barreto (2000, p. 59), pai da nova museologia francesa, definiu:

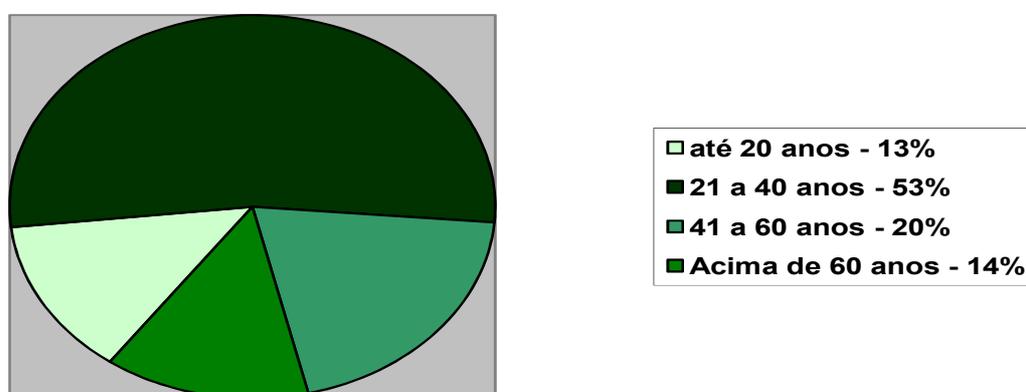
(...) É um espelho onde a população local vê a si própria para descobrir sua imagem e no qual procura uma explicação para o território do qual faz parte
(...) É um espelho que a população mostra aos visitantes para melhor ser compreendida, de forma que sua indústria, seus costumes e sua identidade inspirem respeito.

A voz da comunidade, seu perfil e ponto de vista a cerca do Patrimônio do Sítio do Físico não podia estar ausente neste estudo interpretativo que almeja um desenvolvimento com base local, sustentado para esta localidade.

Alguns aspectos que caracterizam a opinião da comunidade foram obtidos através de uma pesquisa *in situ* por meio de entrevistas aleatórias.

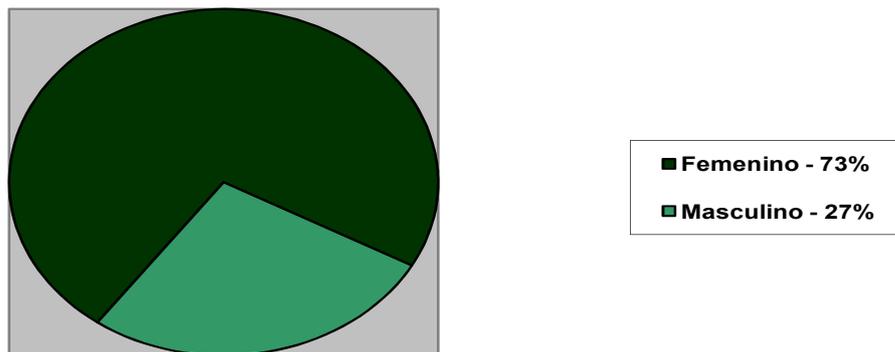
Parte I – Perfil sócio-econômico

Gráfico 1 – Faixa etária da comunidade pesquisada



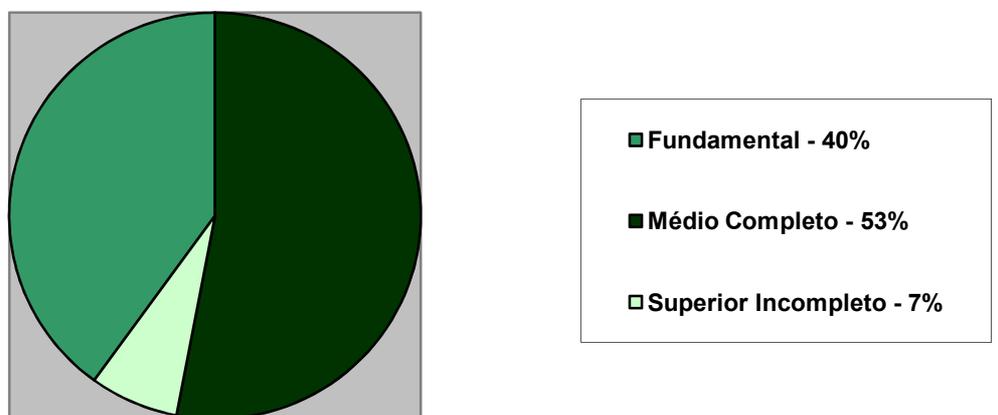
Observamos no gráfico-1, que o universo pesquisado em sua maioria com 53% está na faixa etária entre 21 a 40 anos pessoas com capacidades ativas, em seguida com 20% estão entre 41 a 60 anos, com 13% os que possuem até 20 anos, enquanto apenas 14% da população entrevistada é considerada inativa com a faixa etária acima de 60 anos, porém todas as faixas etárias sugeriram ser participes no processo interpretativo fato que exprime o desejo da comunidade de inserção social e econômica que o Sítio pode gerir.

Gráfico 2 – Quanto ao Sexo da comunidade entrevistada



Quanto ao sexo 73% da comunidade entrevistada era feminina e somente 27% era masculina, mas entre ambos os sexos não se observou nenhum tipo de rejeição ou oposição em frente ao Bem estudado, pelo contrário afirmaram a importância do Sítio e a sua necessidade de reconhecimento, desenvolvimento para o benefício local.

Gráfico 3 – Grau de escolaridade da comunidade entrevistada



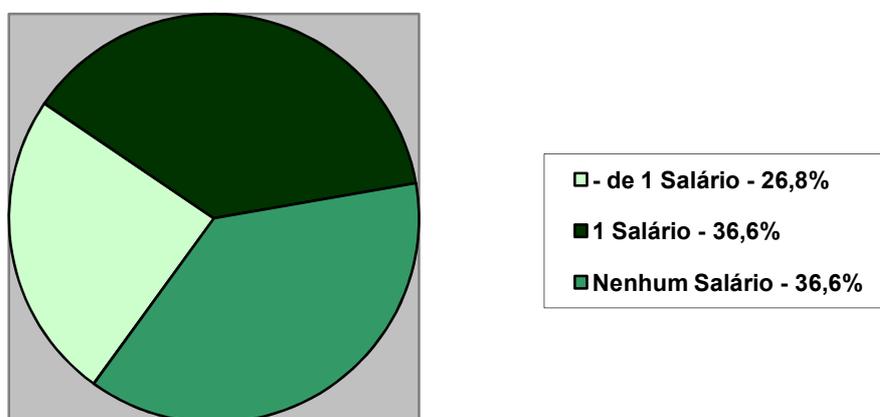
De fato, os números revelam que 53% dos entrevistados concluíram o Ensino Médio, enquanto 40% possuem o Ensino Fundamental e outros 7% afirmaram ter o nível Superior Incompleto (em curso), conclui-se que o universo entrevistado contém um nível de informação que pode representar a comunidade em vista a um planejamento local, até porque nesse nível de representação o que

predominaria seria mais a determinação, atitude e o respeito que a comunidade tem pela pessoa frente ao interesse coletivo (comum).

Goodey (2002, p. 51), elenca entre outros fatores universais para um planejamento local promissor a presença de um representante respeitado:

(...) não necessariamente entre os mais antigos, mas alguém que leve a comunidade a uma visão de potencialidade futura do lugar. Esta visão de futuro deve atrair também alguns daqueles que geralmente não se vêem como parte integrante do processo de tomada de decisões.

Gráfico 4 – Renda Mensal da comunidade



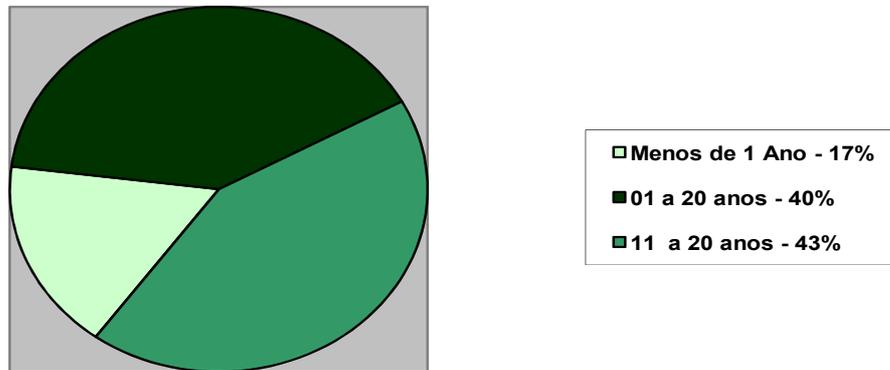
Um breve diagnóstico econômico é válido ressaltar quando observado uma grande variedade de comércios na avenida principal do bairro de acesso (Coroadinho) na qual basicamente colabora para o auto-sustento das necessidades locais como se fosse outro distrito, no bairro mais próximo onde o Sítio fica situado (Vila dos Frades) há também a presença de comércio, porém de forma mais isolada.

Embora haja uma porcentagem da população que diversifica a economia local, o índice de desemprego é de 36,6% inclusos os que não possuem nenhum tipo de renda e que seriam beneficiados, caso progredisse o efeito multiplicador do Turismo no bairro decorrente a valorização do Sítio como produto turístico.

Seriam abertas novas oportunidades de trabalho que abaixariam esse índice de desemprego e poderia ser renda complementar aos que ganham apenas um salário 36,6% e para os que ganham menos de um salário 26,8% dos entrevistados.

Parte II – Aspectos específicos

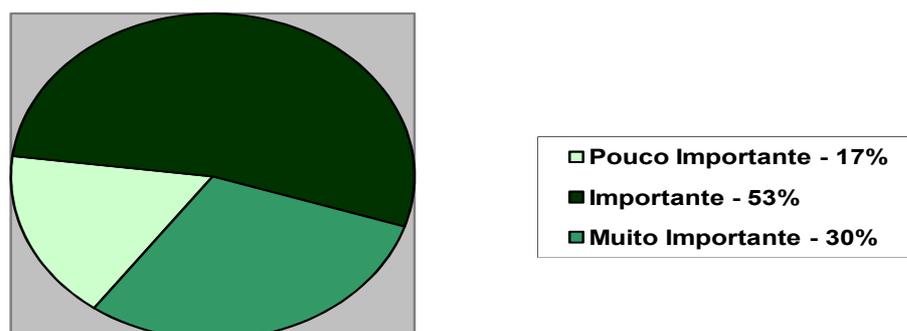
Gráfico 5 – Tempo de moradia da comunidade entrevistada no entorno do Sítio



A interpretação deve proporcionar a inclusão da comunidade pois ela também faz parte do legado cultural local, despertando nela o sentimento de valorização que conduzam a iniciativas sustentáveis.

Nesta pesquisa a conclusão obtida é que 43% da população mora entre 11 a 20 anos na localidade e 40% entre 01 a 10 anos, estes são referências para um estudo da memória do lugar, testemunhas do descaso que o Sítio vem sofrendo, mas afirmam que foi e ainda é uma importante fonte de lazer para a comunidade. Apenas 17% moram a menos de um ano, porém estão inseridos na realidade local e são promissores e entusiastas representantes.

Gráfico 6 – Quanto ao grau de importância que do Sítio do Físico para o desenvolvimento sócio-econômico da comunidade

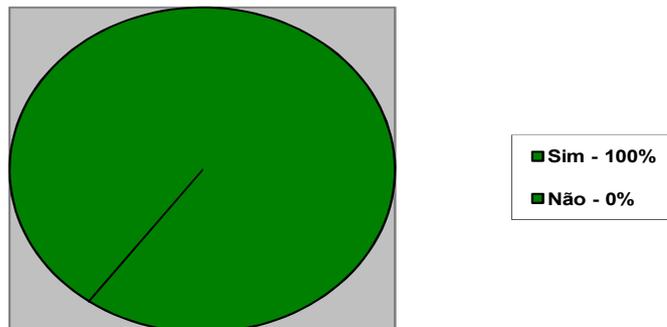


A própria comunidade reconhece as potencialidades do lugar, resumindo em apenas 17% que consideram pouco importante, julgando que se concretizassem qualquer tipo de projeto no local isso não solucionariam os problemas da comunidade. O restante 53% que avaliaram importante e 30% muito importante compreendem que o potencial do Sítio do Físico pode gerar um desenvolvimento sócio-econômico local.

O trabalho para construir esse atrativo com a comunidade deve ser fundamentado na teoria interacionista proposta por Piaget (1970):

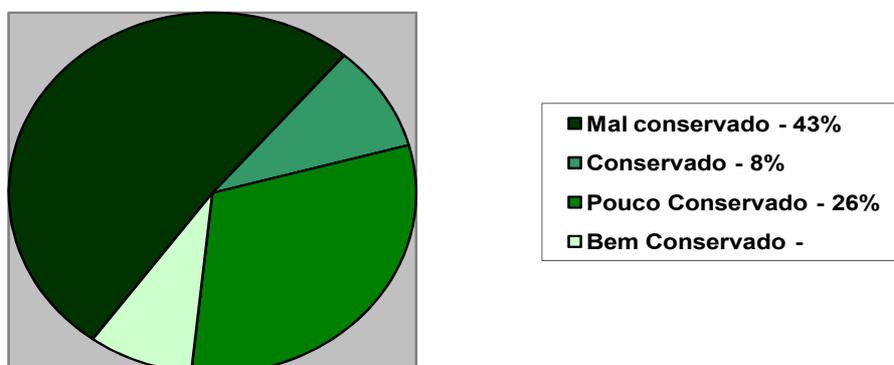
Todo processo de fazer o atrativo, bem como o marketing e a gestão, serão estudados e pesquisados a partir da vida cotidiana, envolvendo sentimentos e emoções num escutar presente do primeiro ao último contato. Essa forma de fazer revelará a motivação intrínseca das pessoas para transformar a si mesma se e o lugar onde vivem. Cabe ao interpretador descobrir a lógica do pensar dos grupos e levá-los a observar, experimentar, comparar, relacionar, analisar, justapor, compor, levantar hipóteses, argumentar e assim por diante.

Gráfico 7 – A importância do Sítio como patrimônio para o Turismo de São Luís



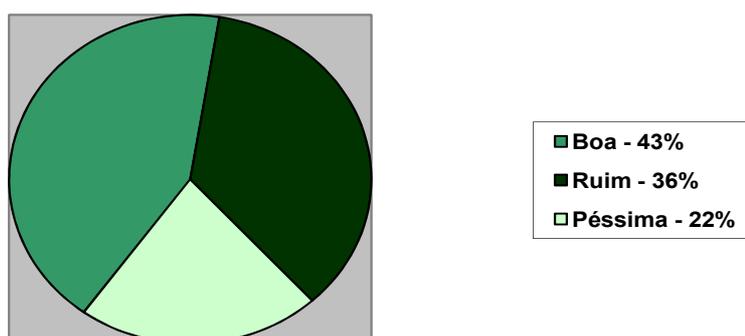
Segundo o questionário 100% da comunidade entrevistada considera o Sítio do Físico importante para o Turismo em São Luís, uns acusam que é devido a sua beleza natural, por se encontrar em uma reserva ambiental, próximo ao rio e sua vista maravilhosa, outros devido a um ar de passado misterioso que o lugar transmite e por representar a história da nossa comunidade.

Gráfico 8 – Quanto ao grau de conservação



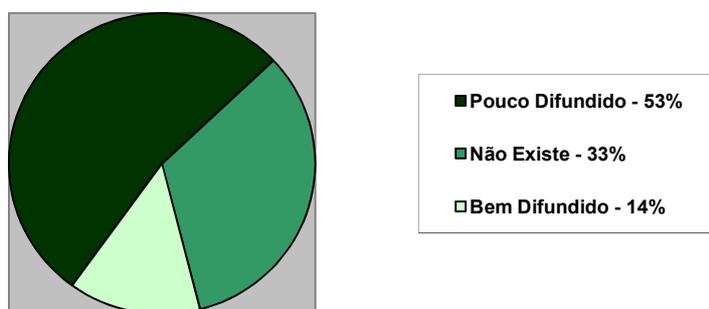
A essência da interpretação transcende apenas a informação dos fatos e tem como objetivo convencer as pessoas do valor do patrimônio incentivando a conservação (TILDEN, 1977). Já a conservação é um conjunto de ações que visam guardar a integridade física de um bem cultural para que as futuras gerações também venham desfrutá-las (DELFIN, 2007). Baseados nessas premissas compara-se a avaliação do grau de conservação que a comunidade aponta para o Sítio do Físico, que varia entre 43% que consideram que ele está mal conservado, 26% afirmaram que está pouco conservado, 23% apontam que está bem conservado e 8% como conservado. Face a grande maioria o estado de conservação necessita de reparos e ações preservacionistas para protegê-lo melhor.

Gráfico 9 – Avaliação da comunidade quanto à acessibilidade ao Sítio do Físico



Uma quantidade significativa dos entrevistados (43%) respondeu que é boa a acessibilidade ao Sítio do Físico, já 36% disseram que é ruim e 22% responderam ser péssima a acessibilidade. Para os entrevistados seria muito bom se houvessem melhorias já que necessita de sinalização indicadora (placas), obras nas vias de acesso, implantação de vans e aumento da frota de ônibus que serviriam tanto para melhorar o trânsito da comunidade quanto ao dos visitantes.

Gráfico 10 – Avaliação da comunidade quanto ao marketing turístico do Sítio



O Marketing compreende a um conjunto de atividades comerciais direcionadas para a transferência do produto comercializado ao consumidor final de modo de o satisfaça, essas atividades sintetizam um processo de informação do produto, seu canal de distribuição, o perfil do consumidor e os meios de difusão possíveis.

Deverá englobar um conjunto de tomadas de decisões que orientarão o processo de comercialização e venda do produto turístico, processo que dá início à preparação de um plano de marketing.

Uma vez que o plano de marketing objetiva a transferência do produto ao consumidor ele tende a propor a elaboração de diferentes programas que canalizam esforços para o desenvolvimento do produto, a seleção dos canais de distribuição e a determinação de ações promocionais.

Krippendorf *apud* Acerenza (1991), define a atividade do marketing no campo de turismo da seguinte forma:

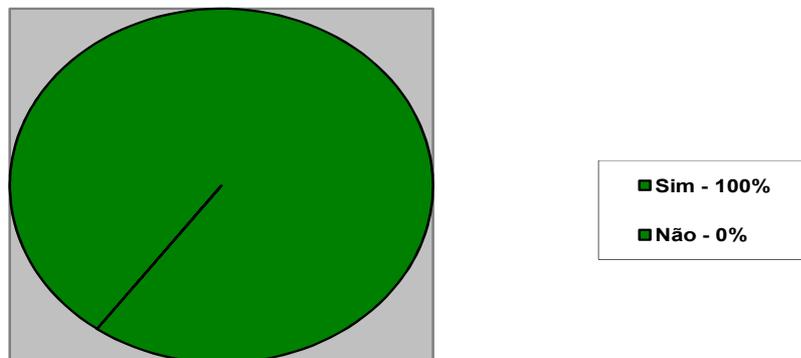
Por marketing turístico entende-se a adaptação sistemática e coordenada das políticas que empreendem negócios turísticos, privados ou estatais, no plano local, regional, nacional e internacional, para a satisfação plena de

certos grupos determinados de consumidores e obter, desta forma, um lucro apropriado.

Constata-se nesta pesquisa que a maioria dos entrevistados 53% avaliaram o marketing turístico do Sítio do Físico pouco difundido, 33% responderam que não existe nenhuma divulgação turística e analisam que os governantes e empresários do setor apontam demais outros atrativos e esquecem que o Sítio é uma promissora fonte de lazer para os turistas e para a própria população. Apenas 14% afirmam que é bem difundido.

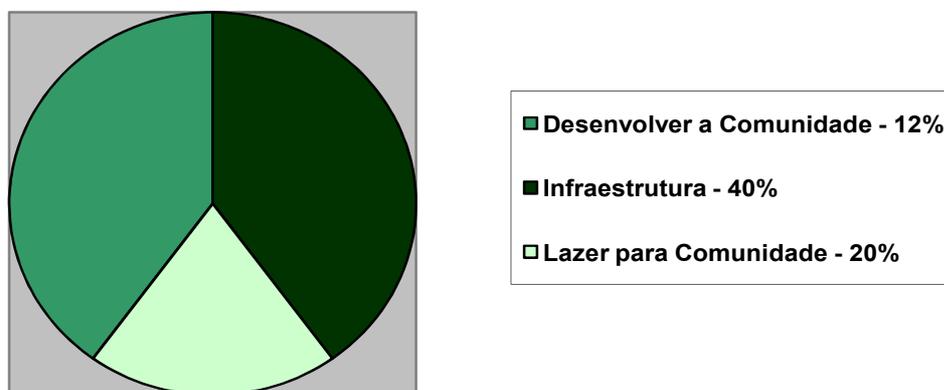
Neste contexto sugere-se a aplicação de alguns instrumentos promocionais, mas antes de tudo deve-se ter como objetivo a compatibilidade como benefício aceitável para a comunidade: divulgar o destino e apresentar seus atrativos; diferenciá-lo em relação aos outros atrativos competidores; inspirar confiança ao turista; e executar apoio promocional nos pontos de venda (agências).

Gráfico 11 – Avaliação do desejo da comunidade quanto à inserção de roteiros de atividades turísticas regularmente no Sítio do Físico



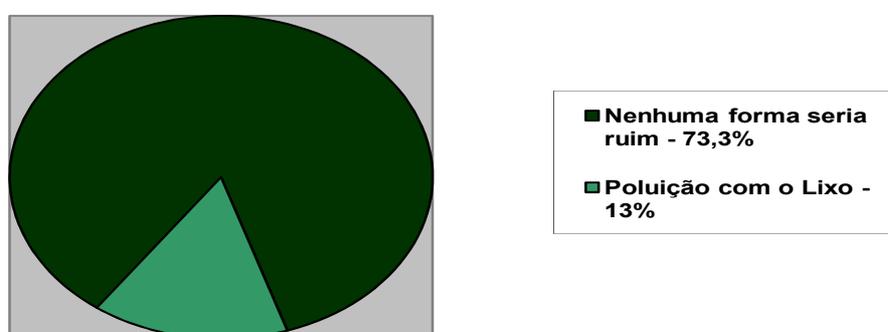
Conforme o gráfico acima os entrevistados responderam 100% que sim, que desejariam que o Sítio do Físico tivesse regularmente atividades turísticas, o que produziria a melhoria econômica da comunidade e a divulgação do mesmo.

Gráfico 12 – De que forma seria melhor para a comunidade a inserção de roteiros de atividades turísticas regularmente no Sítio do Físico

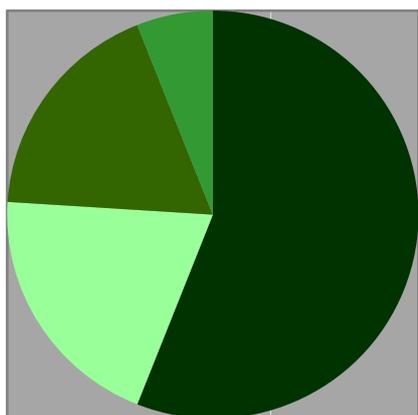


A comunidade entrevistada elencou três fatores beneficiadores caso tivessem roteiros de atividades turísticas regularmente: 40% enfatizaram que possibilitaria um desenvolvimento na infra-estrutura local, 20% afirmaram que a população ganharia um importante complexo de lazer e 12% afirmaram que seria bom, pois atrairia turistas, consumidores para a atividade econômica local gerando cada vez mais emprego e renda, fator que traria o desenvolvimento local.

Gráfico 13 – De que forma seria ruim para a comunidade a inserção de roteiros de atividades turísticas regularmente no Sítio do Físico



Segundo a esse ponto de vista 73% responderam que de forma nenhuma seria nocivo para a comunidade, apenas 13% disseram que traria poluição com o



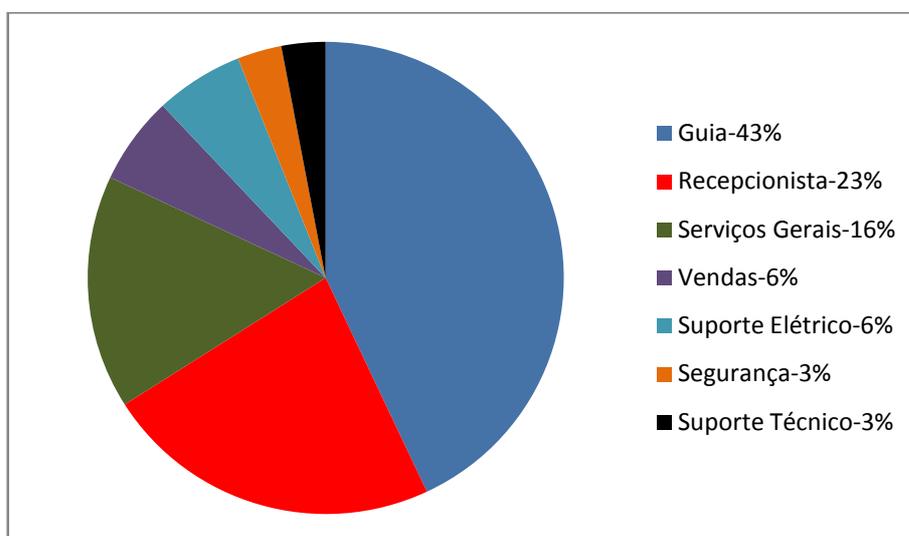
■ Concordam com todas-56%

■ Discordam com jardim zoológico-20%

■ Discordam com área de camping-18%

■ Discordam com esportes náuticos-6%

Gráfico 15 – De que forma rentável a comunidade se vê participando das atividades do Sítio do Físico



Todos indicaram uma forma rentável na qual poderiam estar inseridos nas atividades do Sítio do Físico, retomando a questão do interacionismo como sinônimo de desenvolvimento sustentável com base local. Vários lugares aqui no Brasil já implantaram esse tipo de desenvolvimento de inclusão que é tema ainda de vários congressos e pesquisadores, um exemplo bem próximo está no Parque de Sete Cidades - PI onde os Guias são adolescentes da região que passaram por um curso de treinamento e aulas de inglês.

Entre eles 43% opinaram em ser Guias, 23% gostariam de trabalhar como recepcionistas, 16% consideram-se aptos para serviços gerais, 6% gostariam de atuar no setor de *souvenirs* (vendas), 6% possuem aptidão de eletricitistas, 3% desejariam ser seguranças e outros 3% poderiam operar equipamentos de áudio/vídeo no suporte técnico.

5.5. Aproveitamento das potencialidades do Sítio do Físico

Logo se vislumbra que o Sítio do Físico pode ser um atrativo plausível e condizente a transformar-se em um produto turístico, pois o mesmo apresenta-se com viabilidade de infra-estrutura, para que entre na rota dos circuitos turístico de São Luis, por ser, sobretudo um atrativo semi-urbano, de grande potencial turístico. Recomenda-se à exploração turística da área do Sítio do Físico, com destaque para a implementação de sugestões que condizem com a estrutura do local, como

práticas aproveitáveis, no que tange os aspectos sociais e culturais e tal monumento como:

- A criação e “roteiros escolares”, que possibilitem uma educação histórica e ambiental, a criança, adolescente e adulta; que permita uma conscientização acerca da preservação de tal monumento.
- A criação de grupos de estudos que possam aprofundar pesquisas arqueológicas e históricas do Sítio do Físico;
- A criação de um jardim botânico e possivelmente também um jardim zoológico, nas áreas do Parque Estadual do Bacanga;
- Buscar parcerias entre as instituições de cunho federal, estadual e municipal, juntamente com a população local, do entorno da área do Parque Estadual do Bacanga, para buscar entender o verdadeiro valor simbólico do Sítio do Físico;
- Passar por projetos de sinalização, onde contenha placas informativas aos visitantes acerca dos valores naturais e culturais existentes, bem como informações com relação ao comportamento que os visitantes devem seguir. Estas placas devem sinalizar o empreendimento turístico, contendo banheiros, áreas de lazer, ruínas, trilhas, etc;
- Criação de um local que contenha informações acerca do local bem como o seu histórico – Centro de Interpretação ou Centro de Visitantes;
- Estudar a possibilidade de instalação de uma área reservada para camping, sendo que a mesma não interfira o ambiente;
- A utilização do espaço físico, através de companhias artísticas, levando em consideração a conservação e a valorização do espaço;
- Criação de trilhas ecológicas e ambientais em seu entorno;
- Criação de uma estrutura física, as margens do rio bacanga, que permita a implantação de elementos que possibilitem à prática de esportes náuticos;
- Possibilitar um roteiro náutico que envolva os dois Sítios as margens do rio bacanga (Físico e Piranhenga), para que os visitantes possam desfrutar do conhecimento e da capacidade natural e histórica de tais locais;

- A criação de locais que possibilitem a comercialização de artefatos significativos que rememorem o tal contexto histórico, a exemplo; (camisetas, souvenirs, botons, broches, chaveiros, dentre outros);

Contudo para a implementação de tais sugestões, ressalta-se uma a mais que parece ser de relevante valia, que seria a de reunir conjecturas dentro do contexto social e político, a partir de órgãos de divulgação que suscite conhecimento por parte da população a respeito do Sítio do Físico, para que a mesma possa conhecer tal monumento, e assim reivindicar a revitalização e o “desengavetamento” dos projetos existentes, que, aliás, são contributos para a reestruturação de tal legado histórico, cultural e turístico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem feita nesse estudo à cerca do Sítio do Físico, faz com que o mesmo retorne ao cenário das discussões, em que com base no seu valor histórico e cultural, reflita como o local passou e, ainda passa por um processo de degradação e decadência, bem como interpretar e buscar sugestões para um patrimônio que já foi discutido, almejado por várias intuições, no sentido de revitalizá-lo, numa tentativa de fazer um resgate natural, arquitetônico, cultural e, sobretudo histórico, dentro das perspectivas da valorização, para uma implementação do turismo cultural.

No entanto, verifica-se que há um negligenciamento, por parte da sociedade, em virtude da mesma não conhecer o caráter valorativo de tal bem cultural, induzindo-o à degradação compassada, do patrimônio histórico, pois ao estão imbricados na sociedade valores que possibilitem um novo olhar acerca de tal baluarte edificante da história industrial e social do Maranhão.

Entretanto, como afirma a pesquisa realizada que há certo descuido com relação à preservação do Sítio do Físico, haja vista que a maioria dos questionados acusa, como ponto negativos à má preservação, já que o mesmo é considerado como patrimônio da história do Maranhão.

Resultado de uma problemática a nível estrutural, em que corrobora para que tal situação venha a se edificar como um legado pernicioso, sendo transplantadas as gerações vindouras, nesse sentido visualiza-se uma situação cada vez mais caótica, pois a falta de uma identidade cultural, por parte da comunidade, faz com que isso se torne uma prática reiterada.

No entanto, observa-se que o Sítio do Físico possui todo um arcabouço valorativo, que a comunidade estudiosa em valores culturais e patrimônios, assistem atônica de degradação. Daí, pensar na possibilidade da aplicação de toda uma estrutura que possibilita a implantação de roteiros que instiguem um conhecimento maior acerca de tal patrimônio memorável e de valor significativo para a história do Maranhão. E para a fomentação de roteiros alternativos em nosso Estado.

Nessa perspectiva surgem desde os estudos da interpretação do patrimônio, bem como o projeto de pesquisa de arqueologia e, outros estudos, como: “O Sítio do Físico” de Jomar Moraes em 1980, em que são os pioneiros a

suscitar o desejo, da possibilidade de revitalizar o Sítio do Físico, junto às autoridades competentes. Para que daí surja verdadeiras interpretações e compreensões do patrimônio histórico e cultural do Maranhão. Entretanto nesse contexto visualiza-se a inércia do poder público, que ocasiona uma triste realidade, o que leva a associá-lo com um “belo adormecido”.

APÉNDICE

Apêndice A - Modelo de questionário aplicado à comunidade de entorno do Sítio do Físico.

Estou fazendo uma pesquisa com a comunidade de entorno do Sítio do Físico sobre a importância deste patrimônio para o desenvolvimento da comunidade. Esta é uma pesquisa monográfica que será apresentada ao curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Bacharel em Turismo. Solicito sua colaboração respondendo este questionário. A sua identidade em nenhum momento será revelada.

Parte I – perfil sócio-econômico

01. Faixa Etária:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Até 20 anos | <input type="checkbox"/> De 41 a 60 anos |
| <input type="checkbox"/> De 21 a 40 anos | <input type="checkbox"/> Acima de 60 anos |

02. Sexo:

- | | |
|-----------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Feminino | <input type="checkbox"/> Masculino |
|-----------------------------------|------------------------------------|

03. Formação Escolar:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental | <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio | <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino superior | <input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Nenhuma | <input type="checkbox"/> Alfabetização |

04. Renda Mensal:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Menos de um salário mínimo | <input type="checkbox"/> De cinco a nove salários mínimos |
| <input type="checkbox"/> Um salário mínimo | <input type="checkbox"/> Mais de dez salários mínimos |
| <input type="checkbox"/> De dois a quatro salários mínimos | |
| <input type="checkbox"/> Nenhuma | |

Parte II – Aspectos específicos

05. Há quanto tempo você mora próximo ao Sítio do Físico?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Menos de 01 ano | <input type="checkbox"/> De 21 a 30 anos |
| <input type="checkbox"/> De 01 a 10 anos | <input type="checkbox"/> De 31 a 40 anos |
| <input type="checkbox"/> De 11 a 20 anos | <input type="checkbox"/> Há mais de 41 anos |

06. Qual o grau de importância que o Sítio do Físico representa para o desenvolvimento sócio-econômico da **comunidade**?

- Criação de Jardim Botânico
- Criação de Jardim Zoológico
- Conscientização
- Educação Ambiental
- Sinalização
- Criação de um Centro de Interpretação
- Área de Camping
- Trilhas ecológicas
- Prática de Esportes Náuticos
- Loja de Artesanato, Souvenir, etc.
- Infra-estrutura de apoio (lanchonete, restaurante, etc.)
- Infra-estrutura básica (sanitários, lixeiras, posto de primeiros socorros, etc.)

15. De que forma rentável você se vê participando das atividades do Sítio do Físico?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Guia | <input type="checkbox"/> Recepcionista |
| <input type="checkbox"/> Vendas | <input type="checkbox"/> Suporte Elétrico |
| <input type="checkbox"/> Serviços Gerais | <input type="checkbox"/> Suporte Técnico |
| <input type="checkbox"/> Artesão (ã) | <input type="checkbox"/> Outro: _____ |
| <input type="checkbox"/> Segurança | |
| <input type="checkbox"/> Cozinheiro (a) | |
| <input type="checkbox"/> Jardineiro | |
| <input type="checkbox"/> Motorista (translado) | |

Obrigada pela colaboração!

ANEXO

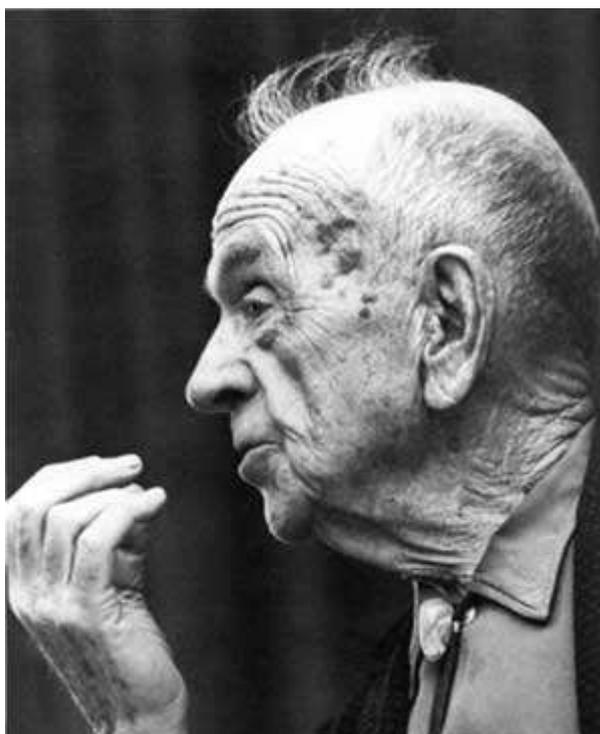
ANEXO - A

BIOGRAFIA: FREEMAN TILDEN

Fonte: National Park Service: Os primeiros 75 anos

Freeman Tilden (1883-1980)

Por George Robinson



Nasceu em Malden, Massachusetts, Freeman Tilden começou primeiramente a escrever como editor para o jornal do seu pai. Mais tarde, trabalhou como um repórter para jornais em Boston, em New York, e em Charleston. Como novelista e dramaturgo, ele viajou em torno do mundo. Nos 1940s adiantados, Freeman “cansou-se” de escrever ficção, e com o incentivo do diretor Newton B. Drury começou a escrever sobre os parques nacionais. *Os Parques Nacionais: O que significa para você e para mim* foi publicado em 1951. O Editor Alfred Knopf chamou-o “... o melhor livro já escrito” sobre os parques. Outros trabalhos incluem, *Os Parques Estaduais*, *Seguindo a fronteira*, e *A Quinta Essência*.

Com 96 anos de idade, Freeman morreu em 13 de maio de 1980.

Todos nós temos heróis - pessoas quem, com suas palavras ou ações, enriqueceram nossas vidas; pessoas quem nós emulam esforço. Para as incontáveis interpretações do National Park Service, prestar serviços de manutenção a intérpretes, Freeman era tal pessoa. Para muitos, era um amigo como pai e confidente; para todos, ele era conselheiro e mentor. Com a publicação, em 1957, de *Interpretando nosso Patrimônio*, deu forma e substância à profissão da interpretação. Nesse pequeno volume, articulou seis princípios eternos que guiaram e sustentaram os praticantes desta arte por mais de três décadas. No jargão publicando, os “números” do Freeman são bons. Revelam a extensão de sua influência - terceira edição, décima segunda impressão, 62.500 cópias foram impressas!

Em um dos trabalhos de Tilden, falando sobre os parques nacionais, ele disse:

“Os primeiros filósofos gregos olharam o mundo sobre eles e decidiram que havia quatro elementos: fogo, ar, água, e terra. Mas como eles cresceram um pouco mais sábios, perceberam que deveria haver algo mais. Estes elementos tangíveis não constituem um princípio; revelaram meramente que em algum lugar a mais, se eles não pudessem encontrar, haveria uma alma das coisas - uma quinta essência, pura, eterna, e inclusiva.”

Com a dedicação e o amor “de um amador feliz”, Freeman permitiu gerações dos intérpretes de adicionar as dimensões da provocação, do significado, e da relevância à experiência dos milhões de visitantes do parque. Através da arte que ele definiu, ele tem ajudado eles a descobrir a “quinta essência. O Freeman Tilden é a “alma” da interpretação.

REFERÊNCIAS

ACERENZA, Miguel Angel, **Promoção Turística**: um enfoque metodológico. Trad. De Ângela M.M. do espírito Santo, São Paulo: Pioneira, 1991.

BARRETO, Margarida. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1995.

_____. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas <São Paulo: Papyrus, 2000.

_____. **Planejamento e Organização em Turismo**. Campinas, SP; Papyrus, 1991.

BELTRÃO, Otto di. **Turismo: a indústria do século 21**. 1 ed. Lorena. São Paulo: Stiliano, 1999.

COELHO, Washington Souza, **A importância do sítio do físico para a história maranhense**: uma visão dualista acerca de um atrativo turístico adormecido, São LUIS_MA, 2005.

CUNHA, Licínio. **Economia e política do turismo**. Portugal: Mc. Gram Hill, 1997.

FONTES, Marco Aurélio Leite: VITORINO, Maria Rachel. Et. Al. **Interpretação Ambiental**. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br>>. Acesso em: 27 mar. 2007.

FUNARI, Pedro P. PINSK, Jaime (org). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. LTC. Rio de Janeiro. 1990

IPHAN. **Sítio do Físico**: ruínas. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp> Acesso em: 18 ago. 2007.

HAM, S. **Environmental Interpretation**: A practical guide for people with big ideas and small budgets. Golden (USA): Fulcrun-North American Press, 1992.

MENDES, Reginaldo Teixeira. **Sítio do Físico**: uma história de pedras. São Luis: ed. Gráfica Pinheiro, 2003.

MOLINA E. Sérgio, **Planejamento Integral do Turismo**: um enfoque para a América Latina; Trad.Carlos Valero. Bauru, SP EDUSC, 2001.

_____. ALBANO Celina. **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG: Território Brasil 2002.

MURTA, Stela Maris. GOODEY, Brian. **Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado – um guia**. Belo Horizonte: Sebrae/MG, 1995.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. **Entrevista com Carlos Fernando de Moura Delfim**. Disponível em: < http://www.vitruvius.com.br/entrevista/delphim/delphim_4.asp>. Acesso em: 16 ago. 2007.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, Cultura e Turismo**. São Paulo: Papirus, 1993.

PEREIRA, Ester Maria. **Interpretação: valor adicional no turismo sustentável**. In: Ecoturismo: prática para o turismo sustentável. Ester M. Pereira e Sherre P. Nelson (org). UNINORTE/ Valer Editora, 2004.

PEREIRO, Xerardo. **Experiência de valorização turístico-cultural**. Informação virtual; 23 jun 2003. xerardo@miranda.utad.pt.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Florence, 1970.

PIRES, Mario Jorge. **Turismo e Lazer**, Rio de Janeiro: Manoele 2001.

ROBINSON, George. **National Park Service: Biography Freeman Tilden**. Disponível em: <http://www.nps.gov/history/history/online_books/sontag/tilden.htm> Acesso em: 14 ago. 2007.

RODRIGUES, Reginaldo. **Sítio do Físico: construção arqueológica que guarda os segredos**. Disponível em: <<http://www.jornalcazumba.com.br/index.php>> Acesso em: 18 ago. 2007.

TILDEN, Freeman. **Interpretation Our Heritage**. Chapel Hill: University of North Carolina Press.(1977, or. 1957)

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico**. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.